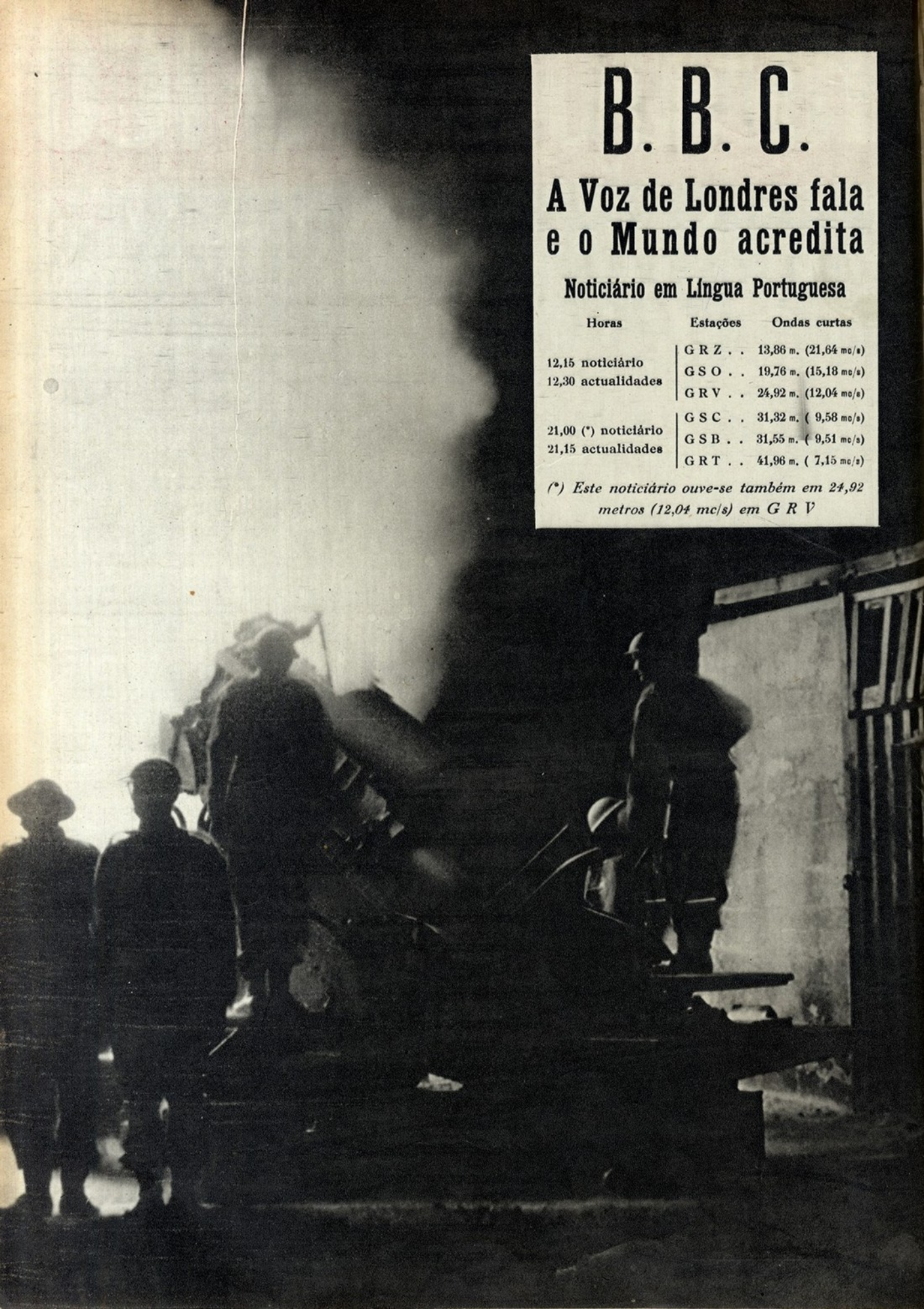
MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
1 DEZ 1941

1919
os
soldados portugueses
desfilam
em Londres
ante o monumento
aos
mortos da guerra

(Cliché A. Garcez)



B. B. C.

A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário 12,30 actualidades	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário 21,15 actualidades	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

MUNDO GRÁFICO

ANO II — N.º 27 15 de Novembro de 1941

Sumário

WELLINGTON EM PORTUGAL, de Rocha Martins

REFLEXOS DO MUNDO

ERNESTO BEVIN, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

OS INGLÊSES CUMPRIRAM O SEU DEVER

TÁGIDE DE SONHO

UMA AULA DE JORNALISTAS, de Rodrigo de Mello

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

UMA PÁGINA DE HISTÓRIA

GIBRALTAR, SENTINELA DO MEDITERRÂNEO

«AS ARMAS E OS BARÕES ASSINALADOS»
fotos de J. Lobo

DUPLA PÁGINA DE GUERRA

O AUXÍLIO INGLÊS Á RÚSSIA, por Carlos Ferrão

ATRÁS DO MICROFONE, por Fernando Pessa

ACTUALIDADES NACIONAIS

SUBIU O PANO, de R. J.

DUPLA PÁGINA DE ACTUALIDADES INTERNACIONAIS

PAGINA FEMININA, de Aurora Jardim

A ESCRAVA BANGALA, novela de Castro Soromenho

CINEMA, de António Lourenço

A FILHA DO HEROI

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório Material de Desenho

Casa especializada em livros para ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta, lapiseiras, carnets, albuns para fotos, pastas para mensagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237

LISBOA

WELLINGTON EM PORTUGAL

De ROCHA MARTINS

ENTRE as numerosas estampas que celebram a glória de Wellington não são das menos belas e valiosas as enaltecedoras das suas prodigiosas acções em Portugal. O seu retrato de general, entre louros, figura uma das gravuras com a seguinte legenda em inglês e português:

«A Fama arma com o symbolo da Immortalidade a effigie do Vencedor dos inimigos da Luzitania. Marte insta o Tempo deponha a foice em honra do Invicto Heroe e Lysia exulta por ver expulsos os monstros devastadores que impestavão seu terreno».

É esta a consagração simbólica de sir Arthur Wellesley que salvara Lisboa da presença de Junot e da sua Côrte e Portugal do dominio francês.

O ilustre inglês, que a vocação chamara para as armas, batera-se na India. O seu govêrno reparara nele e quando o nomeou tenente general mandou-o para a Peninsula, e especialmente para Portugal, ocupado pelo exército napoleónico, Junot era duque de Abrantes; parecia enraizado no país cuja população acabrunhada sob o pêso das divisões francesas mal sabia como libertar-se. Napoleão dera as suas ordens terminantes. O governador do reino conquistado devia enviar para França os seus melhores elementos militares, oficiais e regimentos que constituiriam a Legião Portuguesa. Deixava o país sem defesa: arrancava-lhe os seus soldados e impunha-lhe as águias rapaces. Era sina do pobre Portugal heróico, e que dera ao Mundo mais mundos, ser vítima de surprêsas das aves de rapina coroadas. Depois dos Austrias, o César Francês. Inerme, subjugado, rude e ignorante, entre os seus frades e os capitães-mores, Portugal sofria.

Chegaria, porém, a expedição inglêsa organisada em Corck e que começara a embarcar a 9 de Abril de 1808. Depois da passagem da Corunha velejou para a foz do Mondego e começou a acção britânica comandada por Wellesley.

Os franceses mal acreditavam na audácia da sortida de tropas, consideradas anfíbias, porque saltavam em terra deixando os seus navios á vista para a retirada segura. Daquela vez internavam-se e iam ao encontro do inimigo. Mudaram de tática e o sargento «Tempestade» de Toulon, o primeiro ajudante de campo de Napoleão, Junot fôra batido na Roliça e Vimeiro pelo bravo e astuto general inglês.

Foi tão grande a surprêsa de sir Hew Dalrymple que, em vez de aproveitar as vantagens para o total aniquilamento do inimigo, assinou a Convenção denominada, erradamente, de Sintra, que permitia aos vencidos a saída do Tejo com armas e bagagens. Destruira a obra de Wellesley que, furiosamente, deixou Portugal. Recebeu em Londres a consagração, o título de visconde de Wellington que subiria até ao ducado e assumiu o cargo de primeiro secretário da Irlanda, depois das homenagens do Parlamento.

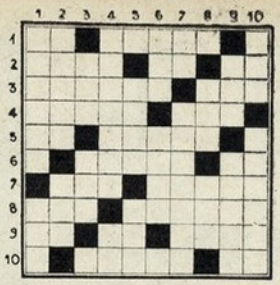
Outra gravura alegórica aos triunfos do valoroso cabo de guerra, representa-o no seu medalhão, sob as asas da Fama, entre os retratos de Fernando VII de Espanha e D. João VI de Portugal. Mais abaixo ressai Beresford que fôra encarregado de organisar o exército nacional. Wellington era o general em chefe das legiões anglo-lusas que se cobririam de glória nas batalhas da Guerra Peninsular, a primeira via da epopeia que o imortalizou. No centro do quadro, Jorge III, sentado no sólido trono britânico, amparava o de Espanha e ordenava ao já glorioso general que socorresse a terra portuguesa sua aliada.

Wellington cumpria; voltava a Portugal onde o Soult duque da Dalmácia, procurava assumir a chefia da Lusitânia Setentrional. Estava instalado no Porto desde 29 de Março de 1809. A' sua volta, queixosos dum rei ausente, ou ambiciosos de dinheiro, saüdavam e prosternavam-se. O marechal já oferecia lâmpadas de prata ao Senhor de Matosinhos. Julgava-se á beira dum trono. O povo sentia o seu coração vazio de afectos. Perdera o príncipe e o exército mas ia abrir na sua alma um lugar para os britânicos vindos em seu auxílio.

Organisara-se o exército anglo-luso. Em 27 de Abril, daquele ano, sir John Cradock entregava o comando a Wellington a verdadeira guerra ia começar.

Em breve estava diante do Douro cujos barqueiros eram pela Inglaterra, porque prometia a liberdade a Portugal. Aqueles humildes conduziram por sua conta, as embarcações para a margem esquerda do rio fornecendo, espontânea e alegremente, os transportes aos soldados inglêses.

Soult, surpreendido, não pensou mais na refeição que ia ser-lhe servida com todos os requintes. Ordenou a mais bela das retiradas, saiu do palácio das Carrancas deixando a mesa posta. Wellesley sentou-se ante o magnífico almôço do duque da Dalmácia e proclamou aos portuenses pedindo clemência para os franceses, feridos ou prisioneiros, pois «deviam ser considerados só como simples instrumento do poder que nos tem feito a guerra».



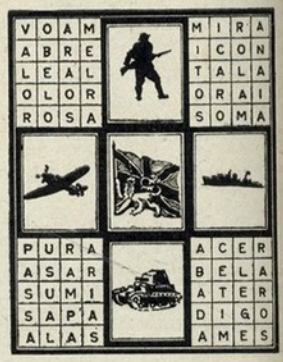
PROBLEMA N.º 27

HORIZONTAIS

1 — Aqui; Quadrúpede ruminante, de pontas redondas e ramosas.
2 — Içai; Basta; Siga.
3 — Apelido do Almirante, Segundo Sea Lord e chefe do Pessoal Naval; Após.
4 — Fruto da silva; Lamentos.
5 — Vigia; Falsifico.
6 — Dum ano; União da prep.
7 — Única; Altar pequeno.
8 — Ensejo; Apelido do Vice-Almirante, Terceiro Sea Lord e Inspector da Marinha Inglêsa.
9 — Ali; Abreviatura de senhor; Súplica.
10 — Espécie de bandeja; Artigo no plural.

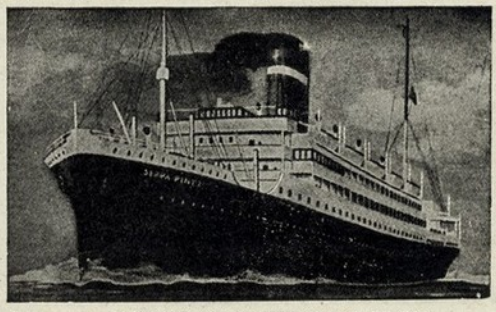
VERTICAIS

1 — Rachava; Além.
2 — Teólogo entre os árabes; Costuma.
3 — Ligo; Gosto.
4 — Montra; Justa.
5 — Lodo; Bílis.
6 — Certo género de orquídeas; Levantar.
7 — Cede; Partira em toros.
8 — Voz do mocho; Moda.
9 — Pron. pessoal; Cito.
10 — Chefe indígena Africano; Ecoarás.



Solução do problema n.º 26

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas ——

PAQUETES

«Serpa Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Ganda»	6.770 »
«Pungue»	6.290 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — *Rua Instituto Virgilio Machado, 14 (à Rua da Alfândega)* — **Tel. 2.0051**

PORTO — *Rua do Infante D. Henrique* — **Tel. 2.342**

REFLEXOS DO MUNDO

A juventude de Wells

O grande romancista, universalmente conhecido, H. S. Wells, festejou no dia 31 do passado mês de Outubro o seu 75.º aniversário.

Não deu parte do acontecimento a ninguém, nem mesmo aos amigos mais íntimos. Estes, contudo, não se esqueceram e reüniram-se num banquete.

Aos brindes o novelista lembrou quanto era triste celebrar, nos tempos actuais, o aniversário de um velho, mesmo quando êsse velho, como êle, se preocupa mais com o futuro que com o passado. Wells, talvez com irónica filosofia falou da sua juventude.

Terminou o brinde, dizendo:

— Peço-lhes que não dêem conhecimento do facto, nem aqui nem na América. Não é agradável a qualquer pessoa informar o Mundo de que se encontra em estado avançado de senilidade.

Parece que Wells daria de bom grado a sua imortalidade se tivesse cinqüenta anos a menos.

As mulheres na guerra

Acaba de se alistar nos Serviços Auxiliares do exército britânico mais uma filha do Primeiro Ministro, Winston Churchill, a artista Sarah Churchill.

Tôda a família está agora mobilizada na suprema defeza da nação, pois a irmã mais nova, Maria Churchill, com 18 anos, alistou-se também recentemente.

Todos os filhos de Churchill estão ao serviço activo, e Mrs. Churchill é a presidente da Cruz Vermelha Aliada.

Nobre exemplo! Ao serviço de Deus, do Rei e do Império!

A camisa do diplomata

Faleceu agora, com 64 anos, em Inglaterra, numa casa de saúde, Lord D'Abernon. Fôra embaixador da Gran-Bretanha em Berlim, logo a seguir ao tratado de Versailles.

Especializara-se em assuntos financeiros, tendo sido muitas vezes utilizado pelo govêrno britânico em diversas missões. Como governador do Banco Imperial Otomano, a sua acção foi notável. Era um extraordinário diplomata, de admiráveis dotes de inteligência. Tinha um curioso hábito que lhe vinha dos tempos de estudante: tomava notas dos assuntos importantes, nos punhos da camisa.

Certa vez, depois duma conferência com Stressmann, esqueceu-se de passar a limpo as notas tomadas. Chamou anciosamente o criado. A minha camisa?

Felizmente, que não fôra ainda para a lavadeira...

Um monumento

A América continua a ser o país das mais audaciosas concepções de engenharia.

No princípio do corrente mês foi inaugurada sôbre as cataratas do Niágara, a nova ponte construída para substituir a que foi destruída há três anos.

Apesar do seu esfôrço ingente na construção de milhares de navios, tanks, aviões e canhões, os Estados Unidos ainda têm tempo para erguer êsse admirável monumento bem representativo do seu génio e da sua fôrça.

Debaixo de fogo

Foi há um ano, em Londres, durante uma audição musical. Tocava a Orquestra Sinfónica da cidade dirigida por um nome que vale muitos cartazes.

Mal principiara o concêrto de obras clássicas, as sereias de alarme ressoaram na cidade. Alguns aviões inimigos. Na sala, houve certa agitação. Imperturbável, o maestro continuou a reger a sua maravilhosa orquestra.

A seguir ao primeiro intervalo, o ilustre regente, erguendo a batuta, disse para a assistência:

— «O inimigo pode bombardear-nos, mas acima da metralha paira o que vamos ouvir, uma sinfonia de Beethoven».

Ninguém mais se lembrou dos bombardeamentos.

O espírito inglês mais uma vez vencia o inimigo!

5 minutos de silêncio

No dia 31 de Outubro, às 5 horas da tarde, houve, no mundo, um silêncio profundo, no meio do labor diário, dedicado à memória dos franceses fuzilados.

Em parte alguma a cerimónia foi tão emocionante como no porto de Alexandria, onde se encontram vários navios de guerra franceses. Quando nos navios inglêses e aliados içaram os pavilhões dos respectivos países a meia adriça, tocados da mesma recordação dolorosa, viu-se subir até meio mastro nas unidades francesas que ali se encontram a bandeira tricolor.

Recordação para os mortos, esperança para os vivos...

Victoria Cross

Chama-se James Gordon e faz parte das valentes tropas australianas que ao lado dos inglêses têm combatido valentemente no Médio Oriente.

Em 10 de Julho, a companhia de que fazia parte avançava sob intenso fogo do inimigo. A certa altura reconheceu-se que era impossível continuar o avanço pois as balas varriam literalmente o campo. Havia já mortos e feridos.

Gordon, com vários soldados inglêses, arrasta-se e consegue chegar ao posto inimigo. Ali carrega de frente com a baioneta, matando os metralhadores e desmoralizando completamente a companhia inimiga, que se rendeu.

O seu feito valeu-lhe a tão apetecida «Victoria Cross».

Fuga audaciosa

Evadiram-se de Benghazi três soldados aliados, caminho da esperança, procurando realizar o sonho de liberdade que haviam acalentado no cativeiro.

Venceram as areias do deserto, a fome, a sêde, o inimigo para se reünirem aos seus camaradas.

Saíram de Benghazi, com todos os subterfúgios de que é capaz um prisioneiro. Durante sete dias atravessaram o deserto ardente, vencendo terríveis dificuldades. A audácia, porém, ajudava-os. Ao fim de uma semana, inabaláveis na sua resolução, chegaram finalmente ao Egipto, onde foram acolhidos com júbilo pelos seus irmãos de armas.

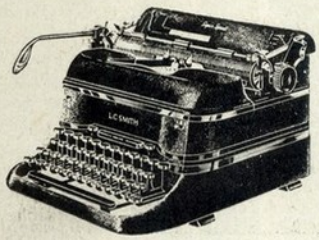
Como guia no deserto tiveram só um mapa que haviam recortado dum jornal inimigo e uma bússola já avariada. O guia principal foi porém a estrêla que brilhava ao longe, no fim do deserto ocidental.

Fôram condecorados com a Medalha Militar pelo general Auchinleck.

L. C. SMITH

A MÁQUINA DE ESCREVER

MODELO COMERCIAL



mais perfeita da actualidade

Corona

OS MODELOS PORTATEIS

mais populares de todo o mundo

PREÇOS DESDE ESC. 1.200$00

TRÊS MILHÕES DE MÁQUINAS SMITH E CORONA EM CIRCULAÇÃO!!!

Distribuidores Gerais em Portugal

Sociedade de Comércio Internacional, Ltd.

LISBOA — Rua de S. Nicolau, 113 — Telef. 21578

Agentes no Norte:

Ramalho e Silva, Ld.ª

PORTO — Rua Cândido dos Reis, n.º 117/119

2 PRODUTOS INDISPENSÁVEIS À BELEZA DA SUA PELE

Creme e Pasta de Amêndoas

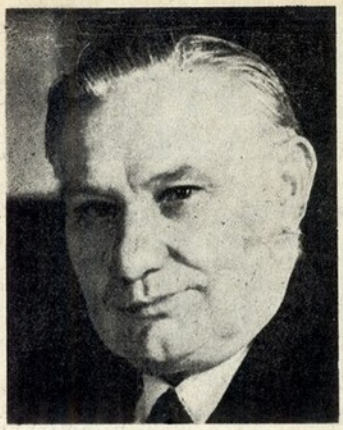
Rainha da Hungria

SÃO PRODUTOS M.ME CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE LISBOA

Avenida da Liberdade, 35

LISBOA



ERNESTO BEVIN

O ministro do trabalho do gabinete britânico é um produto típico do movimento trade-unionista. A sua popularidade é enorme. Todos reconhecem as qualidades de inteligência e de tenacidade que tem posto ao serviço duma causa da qual depende essencialmente a vitória do seu país: organizar os trabalhadores ingléses para o esfôrço de guerra. E' o chefe incontestado do exército das fábricas. Êsse exército tem contribuido, de maneira decisiva, para transformar as condições em que a Gran-Bretanha se bate.

Nasceu em 1884. Operário especializado ingressou nas organização de trabalhadores onde ràpidamente conquistou uma posição de destaque. Já então as características essenciais do seu temperamento o impunham à consideração e ao respeito gerais: bom senso inalterável, perseverança no esfôrço, uma tendência predominante para persuadir de preferência a ordenar. Foi com elas que fez uma carreira ràpida e segura. E' com êles que assegura a continuidade do trabalho e a sua intensificação nas fábricas e oficinas inglêsas.

Por direito de conquista foi-lhe dado o lugar de secretário geral do Sindicato de Transportes, o mais importante da organização sindical britânica. No seu exercício confirmou as qualidades que o tinham feito eleger. Ao lado de Walter Citrine, o nome de Bevin assinala o progresso constante da Trade Union durante o período largo em que o partido trabalhista se conservou afastado da responsabilidade do poder.

Quando aos assuntos da política externa pareceram dominar a vida da nação, Bevin tomou uma posição definida contra as tentativas de apaziguamento com o Reich e a favor duma política de rearmamento intensivo. A acção que desenvolveu nessa época levou Churchill a incluí-lo no govêrno da união nacional que constituiu em Maio de 1940. Os inglêses sabem o que devem a Bevin e o que podem ainda esperar da sua actividade incansável. Por mais duma vez tem sido posta no parlamento e na imprensa a necessidade de se criar um Ministério da Produção, que reúna os serviços dos actuais departamentos do trabalho e dos abastecimentos, indigitando-se o nome de Bevin para o dirigir.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A viagem de Wavell

Quando o general Wavell foi nomeado comandante das tropas da India, as versões oficiais e oficiosas aludiram a motivos de saúde e a um cansaço perfeitamente compreensível. Houve também quem atribuisse a modificação de comandos, então operada, à necessidade de afastar o general que tendo-se revelado durante a campanha da Líbia «um dos mais ilustres tácticos de todos os tempos», segundo a expressão do Primeiro Ministro, não conseguira transformar numa vitória retumbante a sua acção nos Balcans. Chegou mesmo a falar-se em divergências entre o govêrno e o ilustre cabo de guerra britânico, a propósito do desembarque do corpo expedicionário na Grécia.

Para quem seguisse com atenção os acontecimentos todas essas versões eram pretextadas ou fantasiosas. O general Wavell, escritor militar de primeiro plano que afirmara já durante a última conflagração a sua capacidade realizadora, viu consagrado definitivamente o seu nome quando, com rara perícia, conduziu vitoriosamente as tropas do seu comando da fronteira do Egipto até Benghazi. Não foi apenas a posição britânica no Mediterrâneo e a segurança do Canal que Wavell assegurou. Destruindo a resistência italiana e aniquilando o exército do marechal Graziani, criou as condições para que a duração da resistência inglêsa na metrópole se projectasse no plano da guerra mundial e assegurasse as condições prévias duma vitória militar.

Serviços desta importância não se negam nem se regateiam. A deslocação do general Wavell só podia justificar-se, de maneira plausível, desde que o gabinete de Londres estivesse decidido a confiar-lhe missões de maior importância e de mais alta responsabilidade. Foi isso que, efectivamente, aconteceu. De acôrdo com uma concepção estratégica que os acontecimentos se encarregaram de, ràpidamente, justificar, a Gran-Bretanha preparou-se para organizar uma frente de batalha que estendendo-se da Líbia à China, assegurasse com o domínio efectivo dos mares, a defesa da unidade imperial. O homem encarregado de executar êsse plano gigantesco estava naturalmente designado. A evolução da campanha da Rússia e o agravamento da situação no Extremo Oriente confirmaram as previsões assim estabelecidas. O Cáucaso é uma região crucial onde se debatem os interêsses dos dois grupos beligerantes. Singapura, um ponto nevrálgico para onde se voltam as atenções do mundo. Sem ocupar o Cáucaso a vitória alemã na Rússia ficará frustrada; sem conquistar Singapura, a ofensiva nipónica no Pacífico está votada, de ante-mão, a um malogro certo. E' entre êsses dois polos que o general Wavell se desloca, ora em reünião com as autoridades russas que hão-de colaborar na defesa dos poços de petróleo, ora em conferência com o seu camarada Brooke Popham sôbre cujos ombros pesa a responsabilidade de manter, no meio da tempestade asiática, a segurança do baluarte malaio.

A guerra europeia, iniciada em Setembro de 1939, alastrou a todos os continentes e a todos os oceanos. A guerra relâmpago, encarada como uma realidade predominante há dois anos, degenerou em guerra de usura. Cada um dos partidos em luta pretende desgastar os recursos do adversário, queimar-lhe as energias, obrigá-lo a um esfôrço cada vês maior. Do lado inglês, o general Wavell encarregou-se de assegurar a realização dêsse objectivo. Para os seus compatriotas o preço da operação e o tempo que ela vai durar não interessam. Essas premissas, asseguradas por uma história secular, são os melhores trunfos que a nação britânica põe nas mãos experimentadas do heroi da campanha africana.

O OBSERVADOR

Um livro

Chegou talvez o momento de todos os portugueses conhecerem êste livro: «D. Carlos I, elementos de história diplomática», *do dr. Luis Vieira de Castro. E' uma obra serena e desapaixonada, em que o autor, sem negar a sua condição política, analisa, admiravelmente, a história internacional que coincidiu com aquele reinado. O sr. dr. Luis Vieira de Castro lança sôbre os bastidores diplomáticos do tempo, apoiando-se em testemunhos irrefragáveis, uma luz dardejante que definitivamente, esclarece a consciência nacional, provando à saciedade que D. Carlos tinha razão, quando dizia: «apoio desinteressado só o encontramos, na Europa, na Inglaterra». Êsse livro atesta que as intrigas, as ameaças e as ambições que pesavam sôbre o nosso império colonial, eram, sucessivamente desfeitas pela claravidente monarca, sempre fiel à tradição diplomática do país, e ao nosso ministro, em Londres, o marquês de Soveral que, apoiado em Eduardo VII, conseguiu vencer a acção do príncipe de Bulow e dos seus colaboradores.*

Há um ano

Há um ano a Rádio Roma proclamava urbi et orbi: «*Napoleão morreu e outro tanto se pode dizer do domínio da Gran-Bretanha sôbre os mares. Os britânicos têm agora que optar pela fome ou pela paz*».

De facto o côrso morreu, no captiveiro, na ilha de Santa Helena, para onde os inglêses o levaram, depois de ter assolado a Europa, mas como então, a Grã-Bretanha continua de pé.

Em 24 de Novembro de 1940 lia-se no «Munchner Nuest Nach»:

«*O avanço irresistivel das fôrças alemãs para o Atlântico, simultâneamente do Norte e do Sul, junto ao dominio da Itália no Mediterrâneo, constitue um problema, absolutamente insolúvel para a marinha de guerra inglêsa*».

Optimismo que os factos não confirmam. A Inglaterra e os Estados Unidos é que dominam o Atlântico. O jornal alemão «Volkischer Beobachter» de 3 de Novembro de 1940 estava convencido de que:

«*a partir de hoje, os feixes do lictor hão-de aparecer regularmente no céu da Inglaterra, como simbolo de vitória e de destruição*».

A história, não o regista!

E, por último, enfaticamente o jornalista Werner Kark declarava no jornal alemão «Volkischer Beobachter:

«*Além da Itália, nenhuma outra das nações que entraram na Grande Guerra recebeu do destino o maravilhoso privilégio da ininterrupta continuidade da vitória: mas êsse privilégio, merecêmo-lo!*»

Sem dúvida! Sem dúvida!

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Propriedade de «Mundo Gráfico», L.da

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Redacção e Administração: *Rua das Gâveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240*

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 1 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

LORD GORT, O HERÓI DA EPOPEIA DE DUNQUERQUE

OS INGLÊSES CUMPRIRAM O SEU DEVER

A publicação dos documentos oficiais que se relacionam com o envio e com a acção do Corpo Expedicionário britânico (B. E. F.) ao continente vem lançar uma luz nova sôbre os acontecimentos dramáticos que ocorreram em França durante os mezes de Maio e Junho do ano passado. Por mais duma vez tem sido publicamente feita a asserção de que a retirada de Dunquerque se fez sem o acôrdo prévio dos países aliados da Gran-Bretanha e em condições que colocaram em dificuldades o alto comando francês. Os documentos agora revelados provam que da parte das autoridades militares britânicas houve não só a maior correcção mas o cumprimento integral dos compromissos tomados, em nome da nação, pelo seu govêrno.

Está feita, com a prova irrecusável dos factos e dos acontecimentos ocorridos posteriormente, a demonstração de que a retirada de Dunquerque e a concentração rápida, na ilha britânica, dos contingentes da aviação de caça que tinham sido enviados para o continente, permitiram assegurar a defesa do solo nacional perante a iminencia duma invasão que teria concluido, noutras circunstâncias, pela vitória do adversário. Compreende-se assim a importância que, em tôda a parte, se atribuiu à publicação dos documentos oficiais que se relacionam com êsses episódios dramáticos que alteraram o curso da história num sentido favorável para os destinos do Império britânico.

A passagem do B. E. F. para o continente foi feita no decurso do mês de Setembro de 1939. O seu comando ficou confiado a um militar experimentado e decidido — Lord Gort.

As autoridades militares britânicas tinham manifestado, desde o início das hostilidades, a opinião de que devia ser acautelada devidamente a fronteira da

São êstes soldados que tornam invencível a Inglaterra

Bélgica com o Reich confiando-se à sua guarda e vigilância a organização defensiva que havia de prolongar até ao mar as fortificações da linha Maginot. Esta concepção estratégica, cujo valor veio a ser dolorosamente confirmado, não poude ser adoptada em virtude da atitude do govêrno belga resolvido a seguir uma política de estrita neutralidade. A Bélgica não tinha os meios militares de realizar essa política e as obras defensivas que o seu estado maior fez construir apressadamente ruiram ao impulso da ofensiva alemã. No começo de 1940 o B. E. F. totalizava 220.000 homens, dois corpos de exercito de três divisões cada um, além das tropas de especialistas. Este número foi nos quatro primeiros meses de 1940 aumentado de algumas dezenas de milhares.

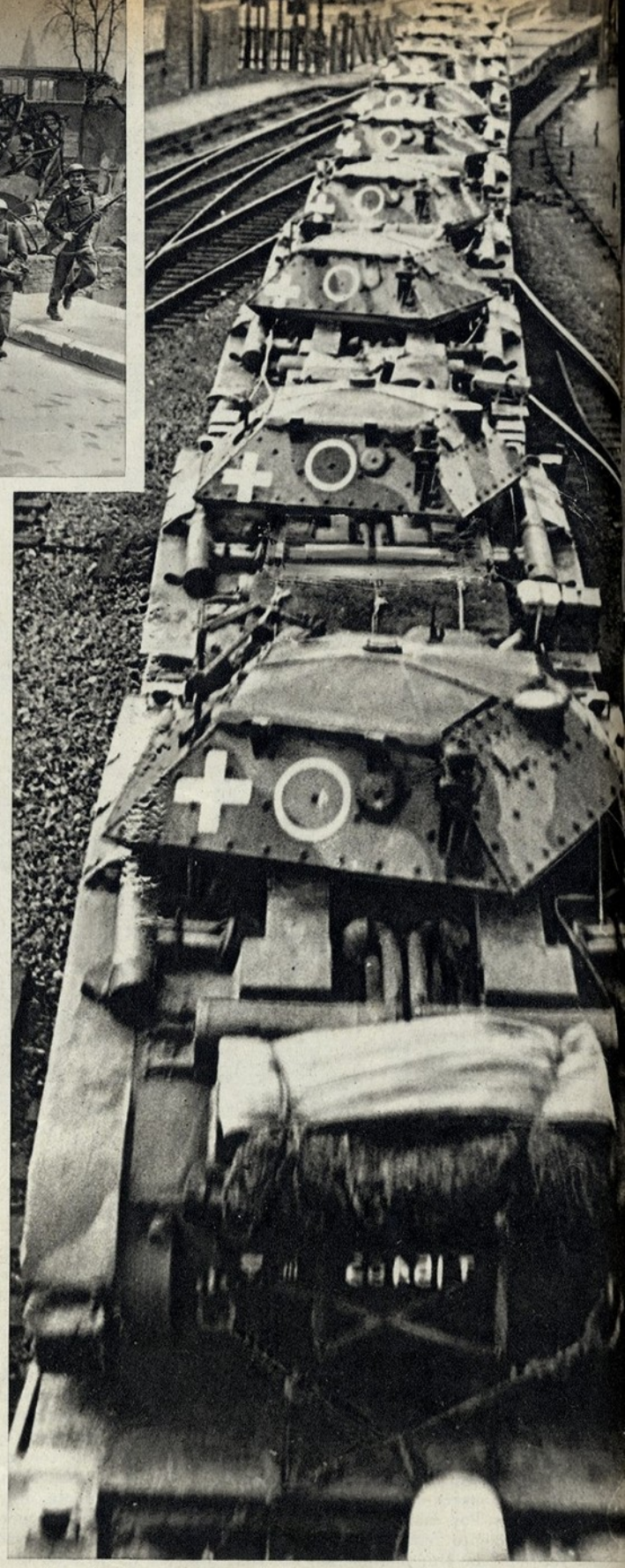
No dia 10 de Maio os alemães invadiram o território belga e holandês. O govêrno de Bruxelas pediu o auxílio imediato dos exércitos franco-britânicos que lhe foi prestado. O B. E. F. com o seu flanco direito apoiado no 1.º corpo do exército francês atravessou a fronteira belga e foi ocupar posições ao longo do rio Dyle. No dia 12 começaram a chegar ao quartel general de Lord Gort notícias alarmantes: os belgas não tinham feito saltar as pontes que asseguravam a defesa da sua fronteira com o Reich, e o 9.º exército francês deixara romper em Sedan o dispositivo defensivo dos aliados. As divisões blindadas alemãs iam irromper pela Bélgica e pela França ameaçando o flanco e a rectaguarda das fôrças britânicas.

Uma conferência realizada em Mens decidiu que o B. E. F., o exército belga e os 1.º e 7.º corpos de exército francês seriam colocados sob o comando superior do general Billotte. Em 15 os holandeses renderam-se. Algum tempo depois os belgas seguiram-lhes o exemplo. Em 19 de Maio o B. E. F. retirou para o Escalda organizando uma nova linha de resistência. Seis dias depois as fôrças blindadas alemãs surgiram em Boulogne obrigando a rectificar o plano de resistência inicial. Em 23 os inglêses estavam, pelo malôgro da contra-ofensiva do grosso das fôrças francesas, cercados no famoso triângulo, cuja base se estendia ao longo da costa, entre Calais e Nieuport. Tinha as linhas de comunicação cortadas e não havia possibilidade de receber reforços. O plano Weygand falhara também por deficiências de execução e em 27 Lord Gort recebeu ordem para retirar com o maior número possível das suas tropas.

Com o exército belga rendido e o exército francês em plena derrota, o comando britânico teve de organizar o recuo sôbre Dunquerque e o embarque neste porto. Para as duas operações, realizadas em condições dificílimas, foi de valor incalculável a colaboração da Armada e da Aviação britânicas.

Por um prodígio de organização e de bravura, fôram salvos 225.000 soldados inglêses (mais de 80 % do B. E. F.) entre os quais 12.000 feridos e 112.000 soldados franceses evacuados pela Inglaterra.

A publicação dos documentos oficiais relativos à sua acção prova, de maneira inequívoca, que os soldados inglêses em França cumpriram o seu dever, que as iniciativas do comando foram ditadas por um critério de oportunidade feliz e que a sua salvação, a tempo, no meio de dificuldades inenarráveis, foi a própria salvação da pátria que, por outra maneira, teria de suportar a invasão em condições particularmente desvantajosas.



A cadeia sem fim de tanks inglêses. Lord Beaverbook está contente com os engenhos da vitória que estão sendo fabricados pelo povo britânico. A avalanche dos blindados que sai em torrentes é tão grande que, nas vias férreas e nas estradas, há um serviço especial para o seu descongestionamento. O plano de construções na Inglaterra e nos Estados Unidos prevê 60.000 para o próximo ano

TÁGIDE DE SONHO

UMA AULA DE JORNALISTAS

Andávamos um pedacinho intrigados, não é de negar...

A curiosidade é prismática em suas manifestações e resultados: sabia-o Eça de Queiroz quando a disse capaz de fazer com que se escute às portas — e se descubra o caminho marítimo para a India; ou a América.

No número 13 da travessa de André Valente... — o Instituto Britânico.

Ali — transpôsto o nobre pátio com tranças de trepadeiras e mimos de gerâneos a sorrirem nos muros; subida uma escada elegante e sóbria onde, num cartaz impressionante, a enérgica máscara de Churchill ordena: — «*Deserve Victory*» ! — ali — entre fotografias com aspectos da Gran-Bretanha de Hoje, um mapa físico, em relêvo, das ILHAS sempre presentes, milhares de volumes alinhados nas estantes, revistas garridas, os «European Programmes Bulletins» da B. B. C., tapetes polifermos, letreiros *supérfluos* a reclamarem silêncio na sala das conferências ou a lembrarem donativos para a «British Red Cross»; ali — ao tictaquear do mais «*integralmente obedecido*» de todos os relógios — foi que soubemos a *RAZÃO!*

...A razão de vermos, há umas semanas a esta parte, cotados vultos do jornalismo português remoçarem no geito colegial em que sobraçam cinco livrinho didático de C. E. Eckersley: «*Essential English — Book One*».

Era isto que nos fazia andar um pedacinho intrigados. E foi a pesquisa do seu «porquê ?» o bordão a que nos arrimámos para a dura travessia da rua escavada, ao fundo da qual o Instituto é remanso, ordem e trégua. O mesmo percurso é cumprido, tôdas as segundas, quartas e sextas-feiras, passada a hora do chá, pelos alunos de inglês do CURSO ESPECIAL DE JORNALISTAS...

Charles David Ley é o professor; homem-de-letras também, (foi êle o tradutor, com João Gaspar Simões, do «Sonho duma Noite de Verão») raro poderia como êle iniciar ou dar *acabamentos* de perfeição a discípulos como os doutores Norberto Lopes e Mário Neves, juristas (...) e literatos, Dona M. de Azevedo, Cristiano Lima, novelista, autor dramático e crítico, Mário Rosa — que fala de cinema e está para a aviação, um pouco, como Maurício de Oliveira para a marinha...— César dos Santos, elegíaco e panteísta — e uma dúzia mais de nomes muitas vezes impressos.

Lográmos assistir a uma aula do Curso, inaugurado em fins de Outubro. Em tão poucas semanas, seria difícil dizer-se: — «How do you do ?» — mais magistralmente do que o faz Cristiano Lima, por exemplo, autor de certa anedota passada entre marido e mulher, que já lhe deu tema para uma novela, para uma peça radiofónica... e que é muito possível ver vertida em inglês quando chegar ao fim o ano lectivo. O dr. Norberto, tradutor de Bernstein e Jacques Deval, decerto se voltará também para Shakespeare e Bernard Shaw... Manuela de Azevedo é londrina em pronúncia e construção, enquanto o dr. Mário Neves veio da sua viagem a Nova-York dono de um encantador sotaque «yankee» carregado dos mais expressivos «*slangs*» e falando por «*slogans*» como os agentes publicitários de Hollywood...

Todos os sábados, o dr. Ley lhes distribue temas para trabalharem em casa, uma tarefa para preencher o «week-end»...

Ah! O «humour» inglês!...

Rodrigo de Mello

O professor Charles Ley explica ao dr. Norberto Lopes e a Cristiano Lima um ponto de inglês. Na primeira bancada, Pires Gomes e Agostinho Domingues

Manuela de Azevedo e o dr. Ribeiro dos Santos parecem satisfeitos

Leal da Silva e Cesar dos Santos fizeram sem «êrros» a sua tradução em inglês

O dr. Mário Neves ouve com atenção um esclarecimento do seu colega Mário Rosa

Os olhos vigilantes do Império

Uma nobre e heroica aventura: cinco jovens franceses atravessam a Mancha numa fragil canoa para se juntarem às fôrças livres do general De Gaulle. Churchill e sua esposa, nos jardins de Downing Street, conversam com os bravos rapazes

Memórias de Churchill

NA INDIA

SIR Bindon Blood era um oficial anglo-indio com uma grande experiência. Chamava os Bunerswals à razão quasi sem matar um.

Gostava daqueles povos selvagens e sabia como devia falar-lhes. Os Pathans são figuras muito curiosas. Têm costumes detestáveis e um sentimento apurado da vingança. Mas compreendem o valor das negociações e, quando quem lhes fala é bastante forte para os manter num pé de igualdade, é sempre possivel chegar a um entendimento com êles. Sir Bindon Blood tinha liquidado facilmemente a questão com os Bunerwals. Houve apenas um combate de pouca importância no qual o ajudante do general, Lord Fincastle, e outro oficial tinham ganho a Cruz da Victoria, por salvarem, em circunstâncias trágicas, um camarada ferido que os indigenas queriam matar. Foi assim que o meu velho amigo de Diepdene voltou general comandante em chefe, rodeado pelo seu estado maior e alguns herois.

Sir Bindon Blood mostrava-se mais fresco e jovial do que nunca. Durante tôda a campanha teve apenas um incidente desagradável. Um fanático, que vinha à frente duma deputação de indigenas, puxou dum punhal e precipitou-se sôbre o general que estava a uma distância de poucos metros. Sir Bindon Blood, que estava a cavalo, empunhou o revólver, que nos habituaram a considerar um objecto de luxo, e atirou sôbre o assassino que caiu redondamente morto. E' fácil imaginar a satisfação que todo o corpo expedicionário sentiu ao saber que o seu chefe saïra ileso do atentado.

Não é intenção minha contar pormenorizadamente a campanha de Malakand. Procurarei resumi-la em poucas palavras. As três brigadas do corpo expedicionário de Malakand avançaram, umas atrás das outras, através dos vales, causando prejuizos sensiveis entre as tribus revoltosas, apoderando-se dos gados, com que os homens se alimentavam, e dos pastos que serviam para alimentar os gados. Os oficiais politicos que acompanhavam o destacamento parlamentavam, sem descansar, com os chefes, os sacerdotes e as outras celebridades locais. Estes oficiais politicos não tinham popularidade no exército. Os outros oficiais tinham-nos na conta de empecilhos. Dizia-se que arranjavam, de facto, as coisas, mas sempre com desprestigio do Império. Acusavam-nos de tergiversar, o que queria dizer fazer tudo o que era possivel antes de dar tiros.

Não tinhamos vindo de tão longe, não tinhamos suportado um calor horrivel, além de outros incómodos — que eram penosos pois o calor pesava-nos nos ombros como um fardo e instalava-se nas nossas cabeças como um pesadelo — para nos associarmos a conversações intermináveis sôbre assuntos que nos não diziam respeito, entre os oficiais politicos e os indigenas. Do lado de lá também havia guerreiros ardentes e uma mocidade belicosa que queria apenas bater-se. Todos nós estavamos a ser prejudicados por aqueles que consideravamos antigos, os «velhos», como hoje se diria, e, sobretudo, por aqueles oficiais politicos de luvas brancas e de plumas. Como geralmente acontece, os apetites carniceiros acabaram por triunfar. As tribus escaparam ao «contrôle» dos velhos e os oficiais politicos nada puderam fazer. Assim morreram muitas pessoas. O govêrno imperial teve de pagar as pensões às viúvas dos que morreram ou ficaram feridos no seu serviço. Mas foi verdadeiramente maravilhoso para os que não morreram nem ficaram feridos.

UMA PÁGINA DE HISTÓRIA

Depois do Armistício — 11 de Novembro de 1918 — a Infantaria portuguesa desfila sob o Arco do Triunfo, em Paris

Um contingente do Corpo Expedicionário desembarcando em França

Um acantonamento numa aldeia da Flandres

Um aspecto das primeiras linhas

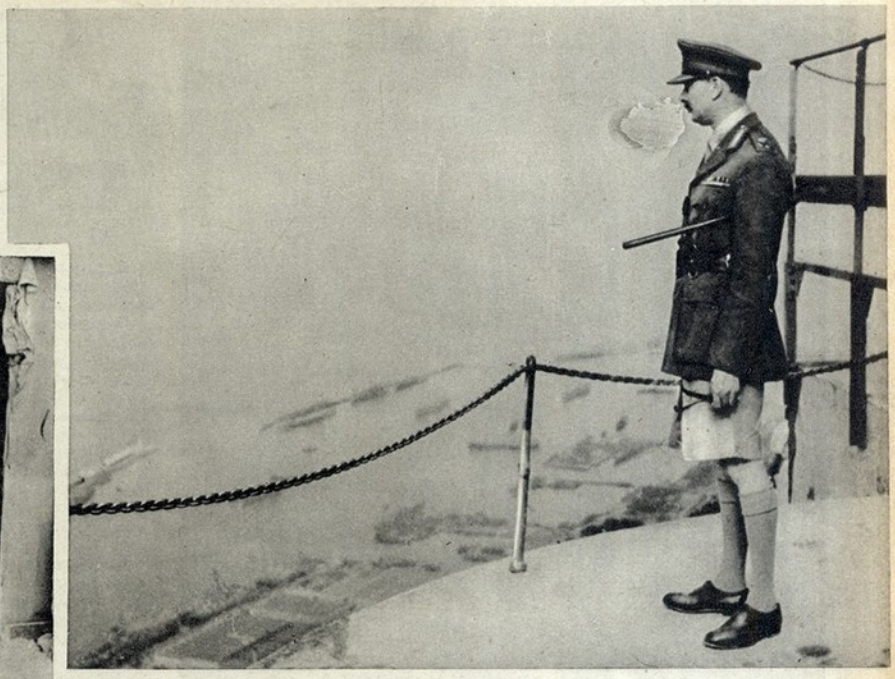
As nossas tropas marchando numa estrada francesa

(Clichés de Arnaldo Garcez)

GIBRALTAR

SENTINELA DO MEDITERRANEO

O duque de Gloucester, acompanhado do coronel Fordham, à saída de uma das extensas galerias do alteroso penhasco.



O duque de Gloucester, numa das plataformas da gigantesca fortaleza imperial que guarda o Mediterrâneo, contempla o vasto porto, uma das bases mais importantes da esquadra do almirante Cunningham

O general Gort, governador de Gibraltar, com o duque de Gloucester durante uma visita do governador de Algeciras, general Barron. Na fotografia vêem-se ainda a marquesa de Povar e a esposa daquele oficial espanhol

No ponto mais alto de Gibraltar. O duque de Gloucester inspecciona as posições de artilharia, que dominam todo o estreito. Gibraltar não é apenas uma sentinela vigilante do Mediterrâneo: é um baluarte que a natureza e os homens tornaram inexpugnável

Gibraltar — uma das colunas de Hércules do mundo antigo — é uma fortaleza natural. Alta, cortada a pique, rocha abrupta, eriçada de canhões e poderosamente fortificada, desafia tôda a acção do inimigo

AS ARMAS E OS BARÕES ASSINALADOS

Uma grande página da história. — Afonso de Albuquerque o «tirribil», cujas façanhas extraordinárias Camões cantou, junto do seu busto, numa das famosas bombardas que troaram nos mares do Oriente

A poucos passos da Baixa e num dos sectores de mais laboriosa actividade comercial e industrial de Lisboa — no Cais da Fundição — junto a Santa Apolónia, ergue-se um majestoso edifício, cuja frontaria é ladeada por colunas corintias e monolitas e ostenta, de alto a baixo, um soberbo conjunto de troféos militares, esculpidos artisticamente na cantaria de que tôda essa fachada é revestida. E' o Museu Militar, preciosa joia evocativa das nossas glórias, onde, pacientemente, desde 1842, ano em que começou a ser organizado pelo general barão de Monte Pedral, até agora, se tem vindo reünindo, com requintes de bom gôsto e meticulosos cuidados, tudo quanto sirva a afirmar, melhor do que tubas sonorosas, o valor e a heróica acção da nossa gente.

Pouca freqüência tem, infelizmente. Umas escassas dezenas de pessoas nos dias mais concorridos da semana e algumas centenas, por vezes, ao domingo.

E, no entanto, quão de belo e de instrutivo há ali a ver! Não só se fica extasiado perante tudo quanto está exposto. Magníficas obras de talha se desdobram à vista em todas as salas, que são vinte e sete, e, numa estonteante riqueza de arte e de côr, tanto por grande parte dos tectos, a começar no átrio, soberbos quadros de grandes pintores portugueses, como Bruno, José do Vale, Pedro Alexandrino de Carvalho, Bernardo Pereira Pegado, Columbano, Carlos Reis, José Malhôa e outros, muitos outros, que ali deixaram bem firmemente marcadas as suas altas personalidades artísticas.

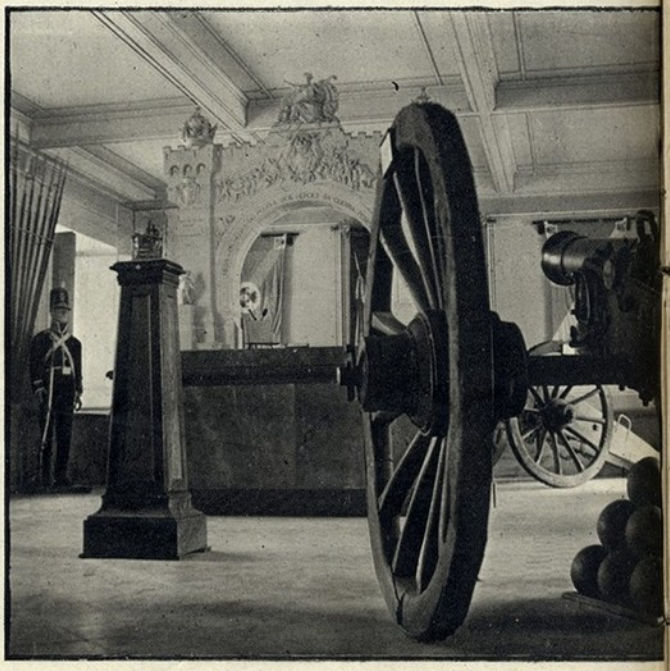
Os que simbolizam *Aljubarrota*, *Ceuta*, *Gôa*, o *Brasil* e a *Vitória* são dos mais belos que, no género, existem em Portugal.

Mas não lhes ficam atraz os «panneaux» de *Coolela*, de Carlos Reis, e os da nossa acção na Grande Guerra.

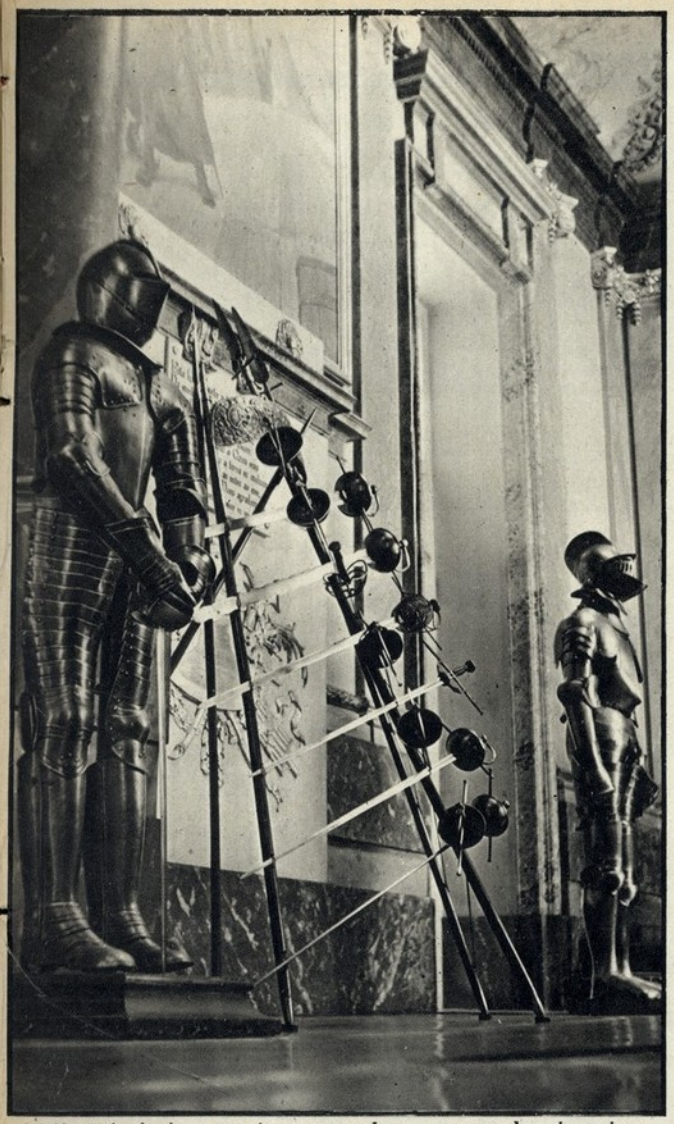
Quantas recordações de heroismo nessas imagens da Flandres. Lama e neve. Provações. Trincheiras destruídas pela metralha onde os soldados de Portugal se cobriram de glória ao lado dos seus irmãos de armas inglêses e franceses.

Entre inumeráveis armaduras de ferro e verdadeiras florestas de espingardas, espadas e muitos, muitos outros apetrechos de guerra, colocados em disposição brilhante, que não cança, antes desperta o desejo de admirar sempre mais, encontram-se ali canhões, basiliscos, colubrinas, falconetes, e, entre tudo isto, a famosa peça de Diu, que os portugueses tomaram aos mouros e, tendo mais de seis metros de comprido, é um

Os «soldados» da Guerra Peninsular que, ao lado dos inglêses se cobriram de glória na batalha de Buçaco, Roliça, Vimieiro, e outras, derrotando os invasores



A sala dedicada às recordações bélicas da Guerra Peninsular, vendo-se uma peça de artilharia da época e a «maquette» do monumento (1.º prémio), projecto de Oliveira Ferreira



No meio de duas preciosas armaduras, as espadas da nobre cavalaria portuguesa, polidas por cem combates vitoriosos

enorme bloco de bronze, com o pêso de 19.494 quilos. Também lá estão os trons ou bombardas grossas que os inglêses trouxeram a D. João I.

A Guerra Peninsular igualmente conta no Museu Militar um lugar de bem merecido destaque, em que realçam, numa sugestiva recordação, o que foram as «Linhas de Elvas e de Tôrres, o Buçaco, Roliça e Vimieiro, e lembrando-nos, em religiosa evocação essa epopeia de glória que os nossos soldados com os exércitos inglêses construiram com o seu sangue, derrotando o invasor.

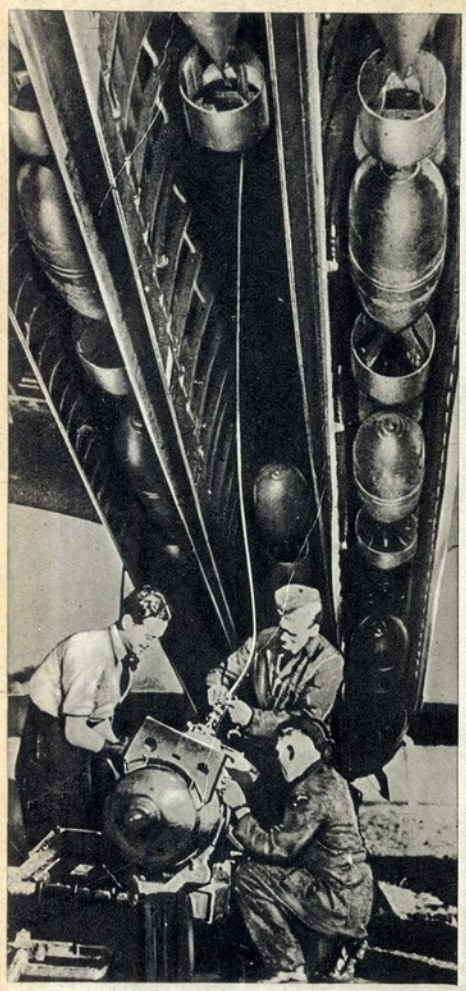
Se é de assombrar a profusão indescritivel de bacamartes, carabinas, pistolas espadas e lanças, que engenhosamente dispostas, se deparam ao visitante a todo o passo, não é de menor encantamento e admiração a beleza das estátuas em madeira e numerosos bustos, que se erguem ante a nossa vista.

Dessas estátuas há que especializar as que simbolisam o Valor, a Fidelidade, Vulcano, Marte, Minerva e Neptuno e, dos bustos, são de salientar os dos vultos que traçaram as mais heróicas páginas da nossa História, que se exibem por tôdas as salas, cada uma delas consagrada devotadameete a uma época, um episódio de elevado cunho patriótico, ou a um vulto que engrandeceu a Nação. Os títulos das salas não constituem apenas preitos inexpressivos de admiração. São condicionados aos múltiplos períodos da nossa grandeza épica, que estão dessa forma sàbiamente distribuidos, havendo apenas quatro que se destinam a demarcar os altos benefícios que os homenageados prestaram ao Museu, como a Princeza Maria Benedita, Vitorino Ribeiro, Bartolomeu da Costa e o general Eduardo Castelo Branco, que foi, no final do século XIX e princípio do actual, o mais tenaz e carinhoso impulsionador do engrandecimento de tão soberba e sugestiva obra de apostolado patriótico como é o Museu Militar.

A epopeia colonial do século XIX revive nestas panóplias e sarilhos de armas

Uma figura equestre com uma armadura do século XVI. Na parede, o retrato de Camões, de José Malhôa

O PODER DA INGLATERRA



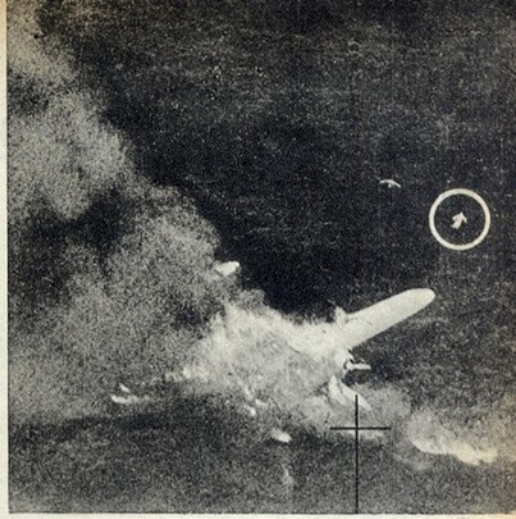
Chovem bombas sôbre Berlim. Um gigantesco "Stirling", com a sua "colmeia„ carregada de tremendos explosivos que num furacão de fogo e de aço vão devastar o inimigo

Compete à aviação do Comando Costeiro destruir a navegação inimiga. As percentagens das perdas por ela sofridas últimamente são enormes. Os aviões vigiam as costas alemãs e da Noruega e o resultado é êste. Mais um mercante que arde

Em tôda a Inglaterra há milhares e milhares de canhões anti-aéreos. Nas cidades e nos campos, as suas guarnições "caçam" o inimigo que de noite ou de dia se atreva a voar sôbre a sua pátria

Os canadianos estão na Inglaterra para a defesa da mãe-pátria. Sua Magestade o Rei Jorge VI assistiu recentemente às manobras de várias divisões que decorreram com aquêle dinamismo fulminante que é característica da raça

Tobruk. As pedras não mentem, na sua glória. A igreja católica da cidade invencível. A imagem sagrada, intacta na sua divina beleza, está com os heróicos defensores



Mais um avião italiano é derrubado pela R. A. F. Êste foi abatido nas proximidades de Tripoli. O avião arde no meio do mar. No círculo branco, um dos seus tripulantes procura salvar-se a nado

Vários regimentos de soldados polacos chegaram recentemente a Tobruk. Vão continuar a legenda gloriosa do exército imperial inglês

Alguns dos mil e duzentos tripulantes de submarinos alemães e italianos, nos quais se não conta o grande número dos que são afundados com perdas totais, desembarcam num pôrto inglês

A Marinha de Guerra britânica não é simplesmente valorosa mas cavalheiresca. Eis vários marinheiros e oficiais de um submarino inimigo passeando à vontade na tolda de um couraçado inglês em pleno Atlântico

Os submarinos alemães estão sendo intensamente perseguidos — e com êxito — pelas esquadras da Gran-Bretanha e dos Estados Unidos. Mais tripulantes de submarinos inimigos

A CAMPANHA DA RÚSSIA

O auxílio inglês

O embaixador Maisky agradece aos operários inglêses o auxilio que têm dado ao seu país

Harriman, delegado americano à conferência de Moscovo, com sua filha, é recebido em Londres pelo ministro das Informações, Brendan Bracken

O recente debate travado no parlamento britânico sôbre as condições em que se está fazendo a guerra e sobretudo sôbre o auxílio à U. R. S. S. teve o seu ponto culminante no discurso proferido pelo ministro da produção, Lord Beaverbrook. Como êste membro do gabinete inglês presidiu à delegação enviada a Moscovo para tomar parte na conferência anglo-russo-americana poude fornecer dados concretos sôbre os pedidos formulados pelos dirigentes soviéticos e a medida em que estão sendo satisfeitos pelos governos de Londres e Washington.

Lord Beaverbrook acompanhou a sua exposição, esmaltada de pormenores tecnicos, duma narrativa completa sôbre os termos em que decorreram as conversações de Moscovo. Além das sessões plenárias a que assistiram as delegações completas dos três países, houve diversas reuniões particulares em que estiveram apenas Staline e os presidentes dessas delegações, Averell Harrimann, e Beaverbrook. Essas reuniões prolongaram-se durante quinze horas e, segundo o depoimento prestado pelo chefe da delegação britânica, concluiram por um acôrdo completo assinalado no comunicado final da sessão de encerramento da conferência.

O primeiro ponto que Lord Beaverbrook esclareceu no seu discurso foi o da ocupação das regiões industriais que, em conseqüência do avanço alemão, se devem considerar perdidas para a economia soviética. Essa ocupação reduziu em cinqüenta por cento a capacidade de produção da U. R. S. S. Como pode essa perda ser compensada num país que mobilizou todo o seu potencial humano para o esfôrço da guerra?

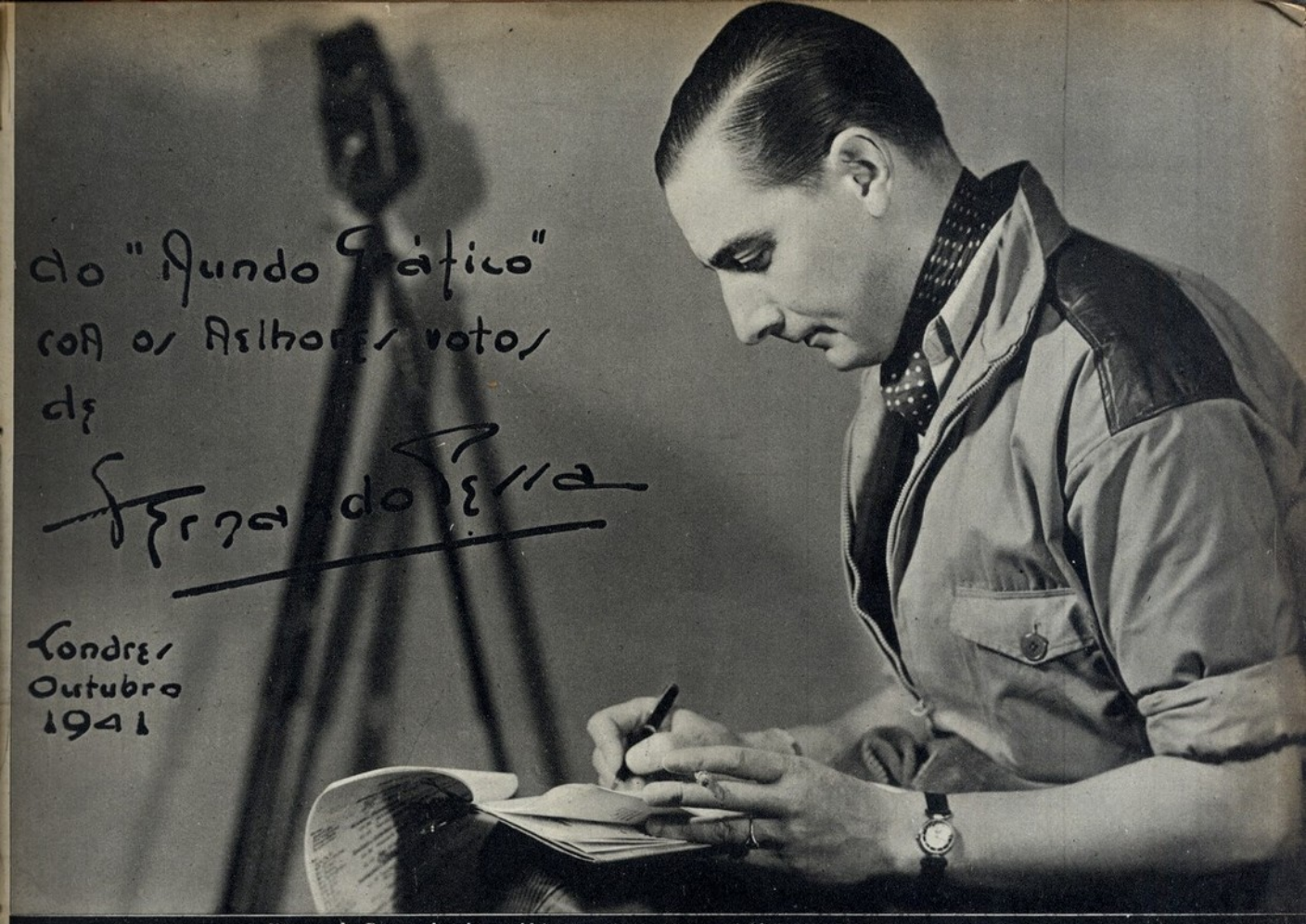
Lord Beaverbrook afirmou que Staline lhe revelara um plano de substituição a que os meios politicos e militares de Londres chamam plano de salto da rã. Os motivos empregados para a sua aplicação são, em parte, uma cópia do que se fez em Inglaterra quando a intensidade e a freqüência dos bombardeamentos aéreos obrigavam a uma camuflagem e a uma dispersão ininterrupta dos centros de produção. Uma vez ocupada a zona geográfica onde qualquer dêstes centros estava instalado, os chefes de indústria, engenheiros e operários especializados transferem-no para uma zona colocada imediatamente à rectaguarda da primeira de forma a que os seus serviços possam ser desde logo utilizados. Este processo só pode, evidentemente, aplicar-se em casos especiais, como sejam os das fábricas de material de guerra ligeiro e de ferramentas.

Para a indústria pesada, base de todo o potencial de guerra dum país, Lord Beaverbrook afirmou na Câmara Alta que a organização dos recursos naturais do solo russo e o agrupamento eficiente das suas fábricas e oficinas se devia considerar acabado, nas regiões do Volga e dos Urais. Acrescentou que essa tarefa foi realizada com grande antecedência tendo-se para isso realizado uma verdadeira emigração de trabalhadores de tôdas as origens e categorias.

Por último, o ministro inglês aludiu pormenorizadamente ao auxilio que o seu país presta à U. R. S. S. «Logo que, em 22 de Junho, o Primeiro Ministro pronunciou o seu discurso prometendo à Rússia todo o auxilio possivel, êsse auxilio começou a ser dado consistindo, de inicio, em entregas macissas de munições que prosseguiram até à realização da conferência de Moscovo. Foi nessa conferência que se assentou na quantidade de tanks e aviões a fornecer tendo as entregas, desde essa data, sido feitas com regularidade. Tanto nós como os americanos entregámos a nossa cota correspondente ao mês de Outubro integralmente e antes de terminar aquêle mês».

Segundo o relato de Lord Beaverbrook, a conferência anglo-russo-americana chegou à conclusão de que a guerra actual é uma guerra de engenhos blindados e que a arma aérea, à medida que o tempo decorre, vai tendo uma importância mais

(Continua na página 29)



Fernando Pessa dando os últimos retoques ao noticiário que vai transmitir pelo éter

Atrás do Microfone

Hoje em dia, que a BBC de Londres — no meio da tremenda barafunda do confuso «bate-bôca» que vai pelo mundo — já provou falar sempre verdade, dôa esta a quem doer, creio poder afirmar que não há em parte nenhuma quem tenha um rádio-receptor e a não escute. Ouve-se a BBC, até mesmo em território inimigo, onde essa escuta pode custar a vida de quem a faça.

Quem entra dentro dos estúdios da BBC — e nós, locutores, somos quem com mais assiduidade o faz — sabe portanto o que está para lá do microfone: uma multidão de ouvido à escuta, dividida em dois grupos — o dos que ouvem o que se lhes diz, e o dos que dizem o que não ouvem; o dos amigos ou «simpatizantes», e o dos inimigos ou «pescadores de águas turvas».

Não é preciso ter grande imaginação, para se saber duma maneira geral, qual a reacção provocada no ouvinte por uma ou outra notícia; e eu tenho porisso a impressão de que nós, locutores, sabemos melhor o que vai para lá do microfone, do que quem nos escuta sabe o que se passa atrás do mesmo microfone. Como isso não é segrêdo — pelo menos aqui na Gran-Bretanha — tentarei descrever em resumo a vida do estúdio em tempo de guerra.

Noutros tempos, os estúdios chegaram a ser luxuosos — autênticos gabinetes de trabalho, com as estantes de livros, quadros, chaminé, e uma paisagem para lá dos vidros duma janela, tudo produto da imaginação de pintores e decoradores, que dessa forma tiravam o ar de caixote, que hoje em dia teem, aos estúdios agora espalhados por tôda a parte... para o que der e vier. A Rádio fez afinal como os militares que, no comêço da guerra, trocaram os seus vistosos e garridos uniformes, pelo simples e sóbrio uniforme de campanha.

Mas isso em nada influe na disposição dos locutores, cuja vida, duma maneira geral, corre tanto melhor quanto mais ensarilhada anda a vida lá por fora. E a razão é simples. O locutor deve ser como os caixeiros ao balcão, que não podem discutir com os fregueses, visto que êstes, pelo menos teòricamente, teem sempre razão. Na Rádio, o locutor é o caixeiro, e o ouvinte o freguês.

Um grupo de heróicos soldados de Tobruk de visita a Londres fala ao microfone da B. B. C. para os seus companheiros da cidade invencível

Ora, quando por tôda a parte reina a calma, nós sabemos que as notícias geralmente não despertam interêsse, não prendem a atenção do ouvinte. Pior do que isso; sabemos que quando, gasto todo o nosso latim, nos despedimos dos ouvintes que, não perdendo facilmente a esperança nos escutam até final, há muitos que, desiludidos, nos mandam para o inferno com as notícias... que não eram novidade para ninguém. E aí, começam as atrapalhações do locutor — prêso por ter cão, prêso por o não ter

Reinando a calma que origina a falta de notícias palpitantes, isto é, não havendo nada de novo na frente — principalmente naquela em que vivemos — como podemos nós, para satisfazer o ouvinte, ir para o inferno? O inferno só nos fica à mão de semear, quando desaparece a calma; quando estoiram bombas na «cave» e granadas

(Continua na pág. 29)

FIGURAS E FACTOS

O comandante e oficiais do transporte «Gil Eanes» que regressou dos mares da Terra Nova e da Groen ândia

O sr. bispo de Helenopolis presidindo à cerimónia do casamento de moradores do bairro da Boa Vista

A missão militar portuguesa que foi a Londres para estudar a poderosa defesa contra-aeronaves daquela capital

O incêndio a bordo do paquete «Colonial». Os trabalhos de extinção do fogo

Todo o país contribuiu generosamente para a cruzada contra o cancro

O almirante Sir James Somerville, comandante das esquadras que operam no Mediterrâneo Ocidental, visita o famoso porta-aviões "Ark Royal„ que as agências telegráficas italianas e alemãs já afundaram por diversas vezes

As patrulhas da famosa guarnição de Tobruk nunca voltam com as mãos vazias. Eis um camion apreendido no deserto com um canhão italiano "Breda„

Um formidável "ataque„ de gases numa cidade de Inglaterra. Está tudo previsto. Se êle se der, a população, já equipada com as suas máscaras, continuará a fazer a sua vida normal

A Inglaterra está enviando para a frente russa milhares e milhares de tanks bem como outro material de guerra e importantes carregamentos de víveres. Um embarque de blindados no pôrto X

A rendição das tropas italianas que se encontravam em Walchefit, na Abissinia, a oitenta milhas ao norte de Gondar, que é o único ponto do vasto império do Negus onde há ainda alguns italianos.

O primeiro bailado. O público ainda não decidiu do êxito do espectáculo. No palco há uma atmosfera de ansiedade

Êste espelho é um tesouro de beleza. Não se cansa de vêr caras bonitas. Os últimos toques no vestuário antes de entrar em cêna

SUBIU O PANO

NUNCA fui actor nem autor de qualquer espécie de espectáculo teatral, nem me parece que venha em sê-lo algum dia. Recordo-me, porém, daqueles graves momentos em que comparecia perante um mestre encarregado de ajuizar do meu saber e do característico e indifinível mal estar que se reflecte directamente no estômago, como se nele actuasse uma máquina pneumática, reduzindo a pressão interna a menos de um milímetro de mercúrio.

Ignoramos se intérpetres e autores apresentam, na noite da estreia da sua obra, os mesmos sintomas gástricos de que resulta a maior parte das vezes a impossibilidade de articular uma palavra porque a boca seca e a língua parece cortiça exposta ao sol durante muitos dias. O que é certo, todavia, é que o público é um juri muito mais irreverente e muito menos benévolo do que o mais clássico e feroz dos mestres escolares. Êste, ainda aceita a inteligência do aluno que sabe ludibriá-lo; o público, por muito que se pretenda ocultar na alteração do compasso a cópia duma partitura ou no esquecimento de muitos anos a repetição de quadros já vistos, é implacável — protesto passivo que se reflecte na bilheteira.

Acredito, pois, no horroroso sofrimento de quem tem de enfrentar umas tantas centenas de pessoas revestidas no direito de julgar...

Meu caro espectador... não compres hoje o teu bilhete. Dá-me o braço e vem comigo, vou introduzir-te na «caixa» do teatro que anuncia, com cartazes berrantes, em tôdas as esquinas, uma estreia sensacional. Não sei se sabes que um palco, para além da cena, é como o porão mal arrumado de um navio, fácil refúgio para um passageiro clandestino. Vais ver.

. . . . . .

Ora cá estamos. Tremenda barafunda de cenários. Olha, olha: uma mala que chega. Donde? Ah! já sei. Vinte e tantos vestidos que o costureiro teve que executar hoje mesmo. A' última hora, cá estão. Repara: aquêle está impaciente. Espreita pelo «óculo» de pano de boca. Põe-se no bico dos pés. Na geral, há encontrões, o eterno «chegue-se para lá!» Todos querem o melhor lugar. A polícia intervêm. Mas a platéia... Só meia casa! Não... não... mais gente que entra. Abrem-se portas de camarotes e frisas. Rostos bonitos de mulher. Na primeira fila, as mesmas caras de sempre e os mesmos pés a perturbar a execução do «primeiro violino», cujo braço ultrapassa os limites da orquestra nas longas arcadas sentimentais.

— Sim senhores! um casão!

Últimos arranjos de cena. Afinam-se as luzes. Nos camarins... Olha, espreita neste. Coraste? Bem se vê que só tens visto o teatro da tua quarta fila. Vamos, sê gentil! Não vês que a pobre senhora não consegue pregar êsse alfinete nas costas do vestido?

Ahn? O quê? Ora, o que há-de ser. Já passa da hora e o público não gosta que o façam esperar.

Um dos autores, inquieto, escuta as reacções do público, escondido nos bastidores

Uma linda venus negra que o espelho reflecte voluptuosamente

Entre cortinas. A frisa da segunda ordem está cheia de caras bonitas

A espera de entrar em cêna. A admirável caracterização de um artista

Apesar de veteranos do teatro, os autores parece que nasceram... nesta estreia

O guarda N.º... passeia gravemente o seu uniforme entre bastidores.

«Aviso: é expressamente proïbida a entrada no palco a pessoas estranhas, etc., etc. — A Inspecção Geral dos Espectáculos».

— Eh! Eh! Foge que morres esmagado. O contra-regra chamou e estas raparigas vão cegas. Repara na «importância» daquele senhor. Tem fumaças de grande actor, mas o público dá-lhe as palmas comprometidas de quem faz um frete. Aquele, despreocupado, chamam os colegas um «canastrão», mas a crítica elogia-o e o público aplaude-o.

Retinir impertinente de campainha. Primeiros acordes da orquestra. Luzes. Os bastidores animam-se de figuras gentis. A um canto — repara — três «múmias» pálidas, imóveis — os autores. São veteranos do teatro, mas uma estreia é sempre uma surpreza e os «direitos» não são coisa que se desprese. Observa como o mais forte, lentes grossas de miopia avançada sôbre o nariz redondo, morde e faz bailar entre os cantos da boca um «havano» apagado. Pois se o empresário gastou um rôr de contos na montagem! Se a peça desaparece na caixa do ponto... Mas não vale a pena pensar em coisas tristes, por ora. Ainda o espectáculo...

. . . . . .

Subiu o pano. Espectativa. Todos se benzem como na iminência de uma catástrofe. Até aquêle que «diz ser ateu, graças a Deus!» O primeiro bailado. O público aplaudiu sem calor. Nervosismo. Outro número e outro. Há ainda as hesitações de uma primeira representação. O público vê sempre um espectáculo com outros olhos que não os de autores, interpretes e, muitas vezes, de críticos. Tem reacções inesperadas. Um número humorista de que se esperava grande efeito não arrancou uma gargalhada. Outros, de êxito duvidoso, provocaram palmas vibrantes.

— Olha como aquêle gesticula! O colega não o ajudou a obter da sua rábula os resultados consagrativos da sua fama de actor e queixa-se amargamente. E' sempre assim. São sempre os outros quem tem a culpa das nossas desgraças. Mas, desta vez parece que tem razão.

. . . . . .

Cai o pano sôbre o primeiro acto. Os receios começam a dissipar-se. Há alegria nos camarins e nos corredores. O público está bem disposto e, no «hall», comenta-se a peça com elogios. O «boato» de sucesso completo já chegou à «caixa».

Decorre no mesmo ritmo o segundo acto. Fatos que se ajustam com alfinetes por que se trocaram com a confusão ou o costureiro se enganou nas medidas. Mas, tudo se remedeia. Há cortes a fazer, passagens que é necessário eliminar. As reações da plateia definem já todos os toques necessários para que o êxito se consolide. Explora-se o triunfo. Números que o público fez repetir até os interpretes sairem sem poder articular palavra, de cansaço. Abraços, beijos de júbilo.

— Não gostavas, meu caro espectador, de ficar com aquela rosa vermelha na face?

Cai o pano. Triunfo completo.

. . . . . .

Desculpa, amigo. Poupaste o dinheiro do bilhete, mas não ficaste a fazer idéia alguma da peça. Dos bastidores é impossivel. Nem por isso, todavia, deixaste de assistir a uma «estreia» — autêntica, inédita para ti.

R.

Com o nervosismo não acertam com a marcação. Uma salva de palmas restabelece a harmonia

No Albert Hall, de Londres, realizou-se uma reünião monstra da juventude de vinte países que, ao lado da Inglaterra, lutam contra o inimigo comum. Nesta grandiosa parada, que decorreu entusiàsticamente, afirmou-se o desejo implacável de combater até à vitória pela libertação de tôdas as raças e de todos os países. Eis um curioso grupo à saída dessa assembleia de nações

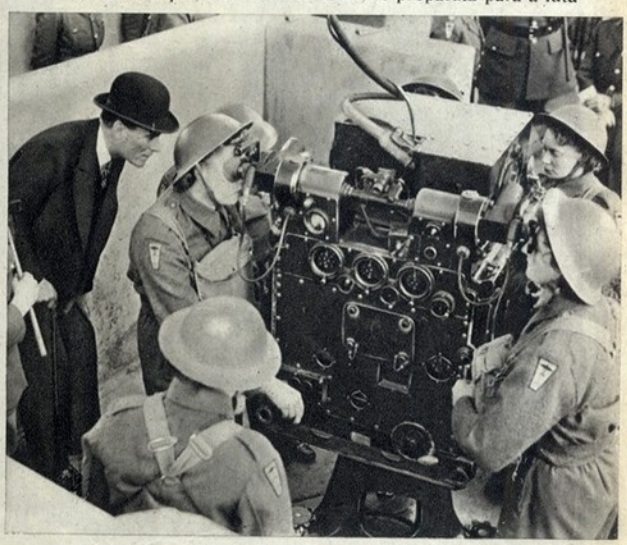
Em Londres, o glorioso rei da Grécia, cujas tropas tão nobremente se bateram pela independência do seu país, com a duquesa de Kent e o príncipe Paulo

Na Gran-Bretanha, os homens ou estão nas fábricas de material de guerra ou fazem parte das fôrças armadas. Um exercício do Exército territorial durante um "Blackaut„

Tudo está guardado, tudo está defendido, tudo está protegido, todos estão a postos. A Inglaterra é hoje, em tôda a sua extensão, um formidável campo entrincheirado. Para os paraquedistas êstes cães são admiráveis!

Mais de dez países ocupados têm os seus chefes de Estado ou representantes categorizados na Inglaterra. Este lindo sorriso de mulher é a princesa Matilde, irmã do rei Zogu da Albania com seu sobrinho, o herdeiro do trono

Um jovem rei que soube ser grande. O rei Pedro da Iugoslávia, não aceitando a ocupação do seu país, juntou-se aos seus soldados que, na Gran-Bretanha, se preparam para a luta



Estas raparigas descobrem os poucos aviões inimigos que atravessam o canal, num excelente "preditor„ das baterias anti-aéreas de Londres

PAGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM

Um vestido e um chapéu para desporto. A senhora William Ruxton, esposa do presidente do Corpo de Ambulâncias Anglo-americano, inscreve o nome no avião-ambulância para a Cruz Vermelha inglêsa

Os casacos de peles canadianos estão na moda

Alguns tópicos da Moda de Inverno

Nos países onde a lã se tornou rara, os costureiros querem lançar a moda dos vestidos justos, gastando a menor metragem possível, medida com a qual todos lucrariamos, em economia. Mas o certo é que continuam a usar-se os franzidos, os machos, as pregas nas saias, e que os casacos são sempre amplos...

A manga raglan vê-se muito e a quimono apenas de tarde.

Os encaixes são mais pequenos e, em ponta, à frente. Em renda imprimem a nota de côr ao conjunto escuro.

Os casacos de sport, sempre largos, fecham com botões de madeira ou couro. Muitos terão capuz e serão forrados de onatine. Tons: fôlha sêca, castanho, vermelho arruivado.

Nos casacos de tarde, que algumas vezes blusam e outras são muito colados, vêem-se as seguintes peles: castor, ragondin, raposa vermelha, astrakan e carneiro dourado. E coelho, tinto em tôdas as côres dos tecidos. Uma novidade: a grande algibeira na frente do casaco, formando regalo. E voltam os grandes punhos de pele. Alguns apresentam incrustações de veludo, formando fôlhas, que são curiosas. De resto, nos casacos de tarde mistura-se o veludo com a fazenda em barras de alto a baixo, mangas, etc.

Os chapéus continuam a ser a alegria representada pela fantasia, pois são êles que dão a nota pitoresca à sobriedade da toilette. Muitas boinas colocadas bem atrás, toques inteiramente feitos com fitas, trotteurs de feltro com penas altas, pequeninas fanfreluches de fitas colocadas sôbre os olhos, três ou quatro laçadas formando o chapéu, tricornes de veludo, lenços envolvendo completamente a cabeça, fechando sob o queixo e tendo em cima ou o chapéu de aba pequena ou o das mulheres de Aveiro com pompons, os bonés de peles, as boinas pequeninas tôdas em penas, e mais e mais...

Aparecem sapatos de pele rasée, as luvas são muito curtas e as sacas enormes.

São êstes os primeiros tópicos da moda. Nada de muito novo, mas uma certa harmonia que seduz.

OS GESTOS QUE NÃO DEVE FAZER

Há certos gestos que a higiene reprova É preciso evitar fazê-los antes que se transformem num hábito.

— Não rôa as unhas. Nunca arranque as excrecências que aparecem de cada lado e corte-as com tesouras antisépticas. Bem sabe que é assim que se pode arranjar um panarício.

— E' claro que não mete os dedos no nariz. Mas evite que os outros o façam, lembrando-lhes que se arriscam a inocular na delicada mucosa nasal os germes de numerosas doenças: sinusites, furúnculos graves, difteria e até tuberculose.

— Quanto mais constipado está menos se deve assoar. Eu sei, eu sei... mas substitua o lenço por inalações.

— Tem comichão? Aplique vinagre ou amoniaco, mas não coce. Olhe que muitos antrazes, furúnculos e até a erisipela começam por aí.

— Não lamba os sêlos, fique sabendo que a cola é feita com uma gelatina animal que pode conter o germe do tétano.

— Não beba liquido gelado depois da sopa, porque se o esmalte dos dentes estala, logo começa a cárie.

— As crianças estranhas não se beijam. Por isso, não deixe que lhe beijem os seus filhos. Podem inocular-lhes a variola, a tosse convulsa, etc.

— Comprar livros em segunda mão é realmente uma economia. Mas só sujeitando-os a uma rigorosa desinfecção. O predecessor podia ser um doente e passar as páginas com o dedo molhado de cuspo, não é? Veja lá, olhe que todo o cuidado é pouco...

Fúnebre? Não — Prudente, apenas.

UM CASACO POR UM ESCUDO

Não é cá. E' na Turquia.

Não é de fazenda. E' de papel.

Os alfaiates de Ankara descobriram a mina, não do papel pautado, mas do casaco dum papel devidamente tratado.

Sempre ouvimos dizer que o papel protege do frio, tendo a propriedade de conservar o calor natural. Êste casaco possue, também, a qualidade de quando não está em serviço, se dobrar, de modo a caber na mão fechada.

Portanto, nada de pensar mais no casaco de carakul da India: aí está, por um modesto escudo, o de papel de Ankara.

Dorme que eu vélo

Mais da terça parte da nossa vida... passa-se a dormir.

Êsse tempo, além da recuperação de fôrças, pode não ser completamente perdido; pode simultaneamente aproveitar-se para o rejuvenescimento da pele.

Ao deitar aplica no rosto o CREME D'ARGY e durante o sono é como se êle dissesse:

—«Dorme... que eu velo pela frescura do teu rosto, para que em ti se mantenha o mais belo atractivo da mulher, a PELE. Hás-de ser velhinha, e as outras mulheres dirão, querendo descobrir o segrêdo da eterna mocidade: Que pele tão linda ainda tem! A grande atracção duma mulher, a beleza do rôsto, o CHARME... tiveram sempre uma razão: a frescura da pele, o seu viço, o seu aspecto saüdável, assetinado, como polpa de fruto maduro.

«Dorme que eu, o CREME D'ARGY, velo pela conservação de todos êsses predicados. Dorme, enquanto eu vou alimentando a tua pele; trago tôdas as prodigiosas vitaminas que são o sustento da tua epiderme. Quando àmanhã despertares o meu trabalho estará terminado. Ao espelho dirás: «Estou tão fresca como ontem». Isto quere dizer que ao fim de quarenta anos estarás como no primeiro dia em que me escolheste para garantia da tua beleza: «Dorme que eu velo para que nenhum sintoma da idade destrua ou torne impossivel essa juventude perene que está na tua alma.

Descobriste em mim o segrêdo da eterna mocidade! Dorme. Dorme... que eu velo».

Assim falou o CREME D'ARGY.

Faça uma experiência. Por 4$00 pode obter nas casas da especialidade, um estôjo-reclame contendo duas amostras de Moussine d'Argy, um tubo de creme n.º 1 (dia) e um tubo de creme n.º 2 (noite).

Não encontrando escreva para os Laboratórios D'ARGY — Campo 28 de Maio, 189 — Lisboa.

SPORT

A INTRODUÇÃO DO FUTEBOL EM PORTUGAL

O futebol é um desporto inglês universalizado. Nasceu em Inglaterra, com uma feição inicial de desporto duro e violento, foi codificado depois e hoje joga-se em todo o mundo. Mas joga-se sob as rígidas leis inglêsas, que ciosamente defendem o bom espírito desportivo o *fair play*.

Resam as crónicas que os primeiros pontapés por portugueses numa bola de borracha forrada de couro, tiveram lugar há 52 anos na Parada de Cascais, e que êsse primeiro jôgo público foi organisado pela família Pinto Basto, que de Inglaterra trouxe a primeira bola, quando regressaram do Colégio os irmãos Frederico e Eduardo Ferreira Pinto Basto. Esse primeiro «ensaio» teve lugar entre alguns rapazes da melhor sociedade de Portugal, que depois ocuparam as mais altas situações da vida portuguesa, e os inglêses da colónia britânica de Lisboa.

Pouco depois, em Lisboa, nos terrenos do Campo Pequeno, efectuou-se o primeiro jogo público e iniciou-se a competição entre portugueses e inglêses — e o jôgo ficou praticamente introduzido em Portugal.

A partir de 1900, a contribuïção dos inglêses no futebol em Portugal torna-se, e então absolutamente, decisiva, no ensino, no estímulo e no auxilio aos jogadores portugueses. E o maior quinhão pertence aos *inglêses de Carcavelos*, como sempre foram conhecidos os futebolistas do Cabo Submarino, da Eastern Company. Bastará lembrar que o único campo de futebol, propriamente dito, que existiu durante largos anos, foi o da Quinta Nova.

A supremacia dêsse *team* de Carcavelos foi absoluta, pois foram invenciveis durante vários anos, o que constituiu um desafio à aplicação dos portugueses.

A primeira equipa que realiza a proesa, de vencer os inglêses do Cabo Submarino era formada por alunos da Real Casa Pia, mas, em luta inter-clubes, o primeiro triunfo foi obtido pelo velho Sport Lisboa, o que motivou manifestações de regosijo que hoje a distância, não deixam de ter o seu pitoresco...

Aos inglêses de Carcavelos, depois, juntaram-se o Lisboa Cricket e o Sport Lisboa Cricket Club em sucessivas competições com jovens jogadores portugueses contribuindo poderosamente para o seu adextratramento. À par da acção dêstes clubes, tomou também relêvo o concurso individual de alguns membros da colónia britânica, formando ou colaborando no progresso dos clubes poutugueses, como o Internacional — o Clube de Braço de Prata, o Gilman de Sacavém, The Colonials, da Colonial Oil Company, o grupo de Eagleson, todo êste constituido por portugueses à excepção do Charles Eagleson, etc.

Dos futebolistas inglêses dessa época, alguns dos quais ainda vivem hoje em Lisboa, perdura ainda boa memória nos futebolistas portugueses, ou pela sua valia como jogadores ou como dirigentes.

A colaboração do Carcavelos Club e do Lisboa Cricket, sobretudo nos primeiros torneios e campeonatos oficiais, que se prolongou até que o Internacional, o Sporting e o Bemfica tomaram grandes porporções, como clubes portugueses, foi tão decisiva que êles são justamente considerados os mestres do futebol português, como aliás os classificam em todo o mundo. E tão boa lembrança deixaram os desafios de Carcavelos — o passeio e o *gingerale* de Carcavelos... — que hoje os veteranos têm ainda para contar aos mais novos um *shot* de Burtenshow que partia o trave (!) uma vitória célebre do Sport Lisboa, um primeiro *goal* na rede inglêsa e um primeiro golo de *wisky*, um dito, uma anedota — uma grata recordação.

Nesse tempo jogava-se o futebol por desporto, a sorrir — à inglêsa.

C. de O.

Um encontro de futebol emocionante. As balisas estão em perigo

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

MÁQUINAS:

Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros
KARDEX
e Arquivos

LISBOA
R. da Misericórdia, 20-1.º
TELEFONES: 21802 - 21803

PORTO
R. Sá da Bandeira, 69-2.º
TELEFONE: 1 276

A ESCRAVA BANGALA

NOVELA DE CASTRO SOROMENHO

Nos fundos de Cassange, onde outrora se acurralavam rebanhos de escravos, tocados a chicote desde os confins do reino de Muatiânvua por régulos cobiçosos que a trôco de panos de côres garridas, de pólvora e de alcool entregavam seus *filhos* aos negreiros que os mercadizavam para os engenhos brasileiros—Samba, uma negrita feia e tristonha, escrava filha de escravos, preparava-se para ir, pela terceira vez, à feira das mulheres.

Há muito que o pregão fôra levado, sertões em fora, de bôca em bôca, pelos estafetas do senhor de Cassange. E de todos os cantos, chegaram ao chão de Tala-Mangongo, lugar da famosa feira das mulheres bangalas, sobas e suas comitivas, príncipes, chefes de pequenos povos das montanhas e do pampa, fidalgos que gastavam a vida em aventuras de amor e de caça, lavradores, artistas, contadores de histórias, músicos e servas que suaram sangue para ganhar a carta de alforria.

Na vèspera da feira, Samba, a escrava bângala, mal dormira. No aconchego da cubata, durante horas a sua voz rendeu-se numa prece aos *espiritos*, invocados por intermédio das *mahambas* (santos), colocadas no fundo do tugúrio, frente ao braseiro, moldadas em barro vermelho ou esculpidas em madeiros ennegrecidos a fôgo, com carões de olhos arregalados e bôcas enormes, tôdas aparentemente iguais, mas distintas ao atentar-se no sexo, recortado a preceito e marcado a vermelhão.

Samba já se tinha rojado aos pés dos feiticeiros, a implorar sua graça — e todos lhe prometeram interceder, em seu favor, junto dos deuses. A's preces dos magos juntou as suas, ardentes como esperança que tinha de um dia ser mãe, porque ser mãe é titulo de nobreza da mulher africana.

Mas não eram só os feiticeiros que pediam aos deuses por ela e pelas outras que iam à feira — muitas pela primeira vez, poucas pela segunda e só uma, ela, pela terceira, terceira e última. Todo o povo, numa só voz, rogava aos deuses e a Zambi, que é o deus dos deuses, pela sorte das mulheres que ali iam encontrar o seu destino.

As mulheres pedem por Samba e pensam com amargura nas suas filhas pequeninas, algumas tão feias e tristonhas como aquela escrava que ninguém quis levar.

Calada a sua voz de prece, e mais viva na alma a esperança de ser ouvida pelos deuses, Samba deitou-se na esteira, as mãos sob a nuca, olhos fitos no teto negro de fumo, e ficou-se a ouvir, horas sôbre horas, o tam-tam do batuque e os gritos selváticos dos homens que rodopiavam, entontecidos pelos passos do bailado e embriagados pelo vinho de palmeira. O bater dos pés no chão duro da eira e o telintar das anilhas abandonadas nos tornozêlos das mulheres, lembraram à escrava suas noites de batuque em senzalas distantes, para onde seus parentes a levavam, de tempos em tempos, em viagens de negócios. Do fundo da sua memória desprendeu-se a imagem do seu primeiro amor. A' luz forte da recordação, *viu* o negro que, na tonteria de um batuque, a levara nos braços para o capinzal e se fartou de suas caricias até romper o dia, desaparecendo em seguida para não mais ser visto. Samba preguntou a tôda a gente por êle, mas ninguém o conhecia. Ao cabo de muito preguntar, uma velha disse-lhe que devia tratar-se de homem chegado na mesma noite em que se foi, quiôlo ou lunda, que outros não deixariam marcas de amor sem saldar contas.

— Foi um lunda. Foi, foi um lunda! — dizia Samba a si mesma, porque gostava dos lundas, dêsses homens sonhadores que amam a aventura e a terra longe, sempre longe, e detestava os quiôlos porque eram violentos e não sabiam amar.

O lunda foi o seu único amor e era a sua grande saüdade.

Não deu pelo findar do batuque, porque o sono deitou-a à beira do braseiro, sob os olhos arregalados dos manipanços.

De madrugada, o braseiro feito em cinzas, acordou ao som dos tambores. Abriu muito os olhos e escutou. O coração batia-lhe violentamente. Os tambores chamavam por ela. Uma sombra caiu na sua vida.

* * *

O sol flechava a pino a terra de Tala-Mungongo, arrancando relâmpagos de oiro às areias do terreiro da feira — varanda corrida à beira dos fundos de Cassange — quando as mulheres se estenderam nas esteiras, sob olhares dos mercadores.

O taque dos tambores anunciam a abertura da feira. Cem olhos correram de mulher em mulher. Estoiraram gargalhadas. Os mulheres levantavam-se, sorridentes, a um sinal dos homens, que as queriam ver por tôdas as bandas, ao mesmo tempo que lhes batiam nas espáduas e nas ancas para melhor sentirem a firmeza das carnes.

Ao terceiro dia de feira, o rebanho ficou reduzido a um quinto. Os sobas e os fidalgos levaram o melhor. As que ficavam, olhavam-se com tristeza, mas ainda punham suas esperanças nos homens menos ricos, naqueles que não podiam dar por uma mulher mais do que uma quinda de sal.

Na vèspera da feira findar, o soba mandou aparecer aos últimos compradores cabeças de vinho de palmeira. E ao cair da noite, os tambores convidaram tôda a gente para o batuque.

Um velhote, que andava doido por arranjar mulher indignou-se com o expediente do soba, e esteve horas a cobrir de injúrias a gente bângala. Ao seu lado, Samba seguia o batuque, sem interêsse, amarrada ao seu drama, que a pobre já não vivia de esperanças.

— Não vais para o batuque?

Ela fez que não com a cabeça. O velho bebeu o último gôlo, atirou com a cabaça para longe e foi para a roda do batuque.

De madrugada, um moço abeirou-se da fogueira e sentou-se em frente de Samba.

— Por que não fôste ao batuque?

A rapariga encolheu os ombros. E como êle a olhasse nos olhos, ela baixou os seus para o braseiro e, a meia voz, preguntou-lhe:

— De onde ès?

— Sou lunda — disse êle, e abeirou-se de Samba.

Conversaram muito tempo. Depois, êle levou-a para o capinzal e ofereceu-lhe o seu sonho. Amanhecia. Os galos cantaram.

— Toma — disse o lunda, entregando a Samba a sua faca. — Logo, quando eu voltar, torna a ser minha.

Ela sorriu e acompanhou-o primeiro com os olhos deslumbrados de alegria, depois com a alma transbordante de esperança.

Quando o sol caiu direito sôbre os fundos de Cassange, a voz dos tambores encerrou a feira.

— E' aquela — disse o gundo, apontando para Samba.

A rapariga, que estava acocorada ao pé do fogo, ergueu-se de um salto e fitou os homens que se aproximavam. Eram os velhos sacerdotes que a vinham buscar para o sacrificio.

— Não! não! — gritou, os braços atirados para a frente. — Êle volta logo.

Os homens pararam e entreolharam-se, depois de trocarem algumas palavras em voz baixa, um dêles dirigiu-se à mulher e preguntou-lhe:

— Quando é que êle volta?

— Logo, quando o sol fôr para Cassange.

O velho meneou a cabeça.

— Esperemos até logo. Mas como é que tu sabes que êle vem?

— Deu-me isto para guardar — e Samba mostrou-lhe a faca. E acrescentou, sorrindo:— Vês como êle vem?

Deixaram-na sòzinha a viver a sua esperança.

Ao entardecer, Samba abeirou-se de uma fogueira que ficava à beira do abismo — farol que ela tantas vezes vira tremeluzir ao errar seus passos de mulher triste no terreiro da sua senzala. E dali viu o sol estoirar em labaredas sôbre os fundos de Cassange. Os olhos encheram-se de lágrimas.

A noite fechou-se.

— Vamos — disseram ao seu lado.

Samba ergueu-se num pulo, olhou aterrorizada para os sacerdotes e, numa corrida, guiando-se dentro da noite com a luz da loucura, entrou na bôca do abismo.

No espaço ficou um grito.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete «LOURENÇO MARQUES»

sairá em fins do corrente para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SANTO ANTONIO DO ZAIRE, LOANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e MOÇAMBIQUE,

recebendo carga para os portos de baldeação

: : : em Luanda e Lourenço Marques : : :

Para carga e passagens trata-se:

SÉDE: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 (6 linhas)

LISBOA

SUCURSAL: R. Infante D. Henrique 73 r/c. — tel. 1 434

PORTO

A CAMPANHA DA RÚSSIA

(Continuação da pág. 18)

reduzida. Assim se compreende que a indústria dos países anglo-saxónicos, embora continuando a produzir em quantidades crescentes, aviões de todos os tipos, dedique neste momento os seus melhores esforços à indústria de tanks de todos os tipos, desde as tanketas aos engenhos ultra-pesados de que a indústria soviética apresentou alguns modêlos no decurso da actual campanha.

Quanto a metais e matérias primas os pedidos soviéticos consistiram no seguinte: alumínio, cobre, chumbo, zinco, estanho, cobalto, fósforo, que os inglêses se comprometeram a entregar; carburantes e óleos cujo fornecimento ficou confiado aos americanos. A delegação americana tomou igualmente o compromisso de fornecer outras matérias primas de que o seu país pudesse dispôr caso a continuação da campanha de Leste tornasse conveniente a sua entrega. Os inglêses e americanos comprometeram-se também a enviar cereais e açúcar. A delegação soviética colocou êstes fornecimentos na base da reciprocidade prontificando-se a fazer entregas maiores e imediatas de vários produtos pedidos pelas outras delegações.

Carlos Ferrão

ATAQUE A INDIGESTÃO DESTA MANEIRA FACIL

UMA DOR
UMA RENNIE
UM SORRISO!

QUANDO a digestão fôr penosa, sentir dôres depois de comer, não se sujeite a êste sofrimento até chegar a casa. Acabe com a dôr em 80 segundos, sem dificuldades nem complicações e mesmo sem recorrer ao copo de água.

Pegue em duas Pastilhas Rennie, meta-as na bôca e deixe-as dissolver lentamente. 80 segundos depois, ver-se-á livre das dores.

As Pastilhas digestivas Rennie fáceis de tomar, são eficientes por agirem, simultaneamente, de 3 formas. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o excesso de acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que auxiliam a digestão. Rennie é usada e recomendada por 1.198 médicos. Tôdas as farmácias as vendem.

Atrás do microfone

(Continuação da pág. 19)

no «sótão»; quando há assuntos para notícias das boas; quando, em suma, o ouvinte fica satisfeito com o que lhe dizemos. E, nessa altura, ninguém manda o locutor para o inferno; ao contrário, todos o põem nos píncaros da lua, pertinho do céu, onde não chegam as vozes dos ouvintes do segundo grupo já citado.

Perante tais circunstâncias, o locutor só tem uma maneira de agir: fazer ouvidos de mercador, e, entrincheirado na verdade das notícias, atirá-las para o ar — doam elas a quem doer — mantendo inalterável a sua boa disposição. Dá uma notícia boa... tanto melhor; dá uma notícia má... não desanima; porque, na guerra, um dia é da caça... outro do caçador.

Para terminar, um outro pormenor da vida dos estúdios em tempo de guerra. O locutor como sabem, não é sempre o mesmo; e êsse facto, combinado com a qualidade das notícias — boas ou más — sugeriu entre nós um novo jôgo de apostas. No auge duma campanha de maior vulto; na hora em que surge um imprevisto feito de armas; sempre que há enfim uma boa nova a dar, o locutor que a põe no ar, ganha — ganha em popularidade... mas perde a aposta feita com os colegas. Lembro-me dum chorrilho de boas notícias que em tempos o General Wavell com as suas tropas me proporcionou, o que chegou a fazer-me desconfiar que o único colega que então tinha no microfone dos noticiários portugueses, o tivesse interessado no jôgo. Não chorei, nem nunca chorarei o prejuizo que suportei. E os demais colegas, fazem o mesmo. A prova é que, confiados na Divina Protecção que nos ajudará a chegar ao fim da campanha com a mesma saúde e boa disposição de àgora, não há já entre nós, quem não faça os seus projectos para o dia em que tenha a sorte de estar de serviço ao microfone à hora a que chegue a boa nova da Victória. Eu já fiz os meus também. Irei gosar uma licença na "santa terrinha" levando como meu convidado um colega inglês que a não conhece, e que assim terá ocasião de compreender o motivo porque, apesar de gostar muito da Inglaterra, com guerra ou sem ela, tão freqüentemente lhe falo, com tantas saúdades, do nosso querido Portugal.

FERNANDO PESSA

UMA MÁQUINA DE BARBEAR 'ECONÓMICA'

Terá de procurar muito, antes de encontrar uma máquina de barbear mais eficiente que a Gillette 25 — mesmo por preço mais alto. Este estojo contém uma máquina Gillette e três famosas laminas azuis, numa caixa higiénica e cómoda. É de grande utilidade para os homens que gostam de barbas bem feitas e económicas.

ESC. 15$00

75, R. da Conceição, 1.º
LISBOA

GILLETTE 25

VOLUNTARIAS DO PERIGO

NESTE século XX, a vida tem progredido num ritmo de tal forma acelerado que, factos há 30 anos considerados sonhos de imaginações fantasistas, são hoje noticiário quási sem importância, mal merecendo as honras de umas linhas de referência.

E, no entanto, quanta coragem e decisão se tornam necessárias para realizar feitos, que agora, passam a constituir apenas o cumprimento do dever profissional!

E' êste o caso de Jacqueline Cochram, gentil aviadora norte-americana, a primeira mulher que desempenha o cargo de piloto transatlântico das carreiras aéreas, pôsto difícil, cheio de responsabilidades, tudo quanto há de menos verosímil para uma jóvem bonita e elegante. Jacqueline não se contentou, porém, em ser apenas piloto de carreira. Fez mais. Resolveu colaborar no auxílio prestado pelos Estados Unidos à Inglaterra, e, êste Verão, com a mesma simplicidade com que costuma seguir em qualquer das suas viagens habituais, tomou conta de um bombardeiro «Lockheed-Hudson» e levantou vôo de Nova-York, rumo à Gran-Bretanha, a levar ao seu destino uma dessas máquinas de guerra, onde depois os rapazes da R. A. F. vão correr riscos de morte e conquistar novos trofeus de glória.

A bordo, seguia o capitão G. Carliste como oficial de navegação. Jacqueline ocupava o seu lugar de piloto.

Os 6.000 quilómetros do percurso seriam feitos num só vôo, formidável salto entre os dois continentes.

Viagem demasiado fatigante para uma mulher, sem o recurso de um segundo-piloto com quem distribuir a fadiga de mais de uma dezena de horas de pilotagem. Mas Jacqueline deixou-se seduzir pela aventura de uma travessia em condições particularmente difíceis e de muito maior responsabilidade. Devia mostrar-se digna de confiança que Govêrno dos Estados Unidos depositava nas suas reconhecidas qualidades de aviadora ao entregar-lhe um avião de guerra dos milhares que, pelos seus próprios meios ou a bordo das unidades da sua poderosa marinha mercante atravessaram já o Atlântico.

O bombardeiro cortava veloz o espaço. As costas da América há muito haviam desaparecido. O avião era ponto mínimo a centralizar o horizonte no círculo das águas que lá em baixo ondeavam no seu eterno movimento, cheio de beleza e monotonia.

O tempo magnífico só de longe em longe proporcionava o encontro de pequenas nuvens que por instantes envolviam o aparelho em tonalidades de estranha maravilha, mas de que a aviadora depressa se desembaraçava com um movimento do «manche».

A ave, obediente, subia mais alto e as nuvens ficavam por baixo a formar um véu entre ela e o mar, enquanto via de novo a luz do sol brilhar em todo o seu esplendor.

Depois, tornava a descer, aproximava-se um pouco da superfície do oceano e assim foram passando as 17 horas do percurso.

A' claridade sucedeu a noite e Jacqueline Cochram, continuando a dominar os comandos com as suas lindas mãos muito brancas, acabou por poisar num aeródromo de Inglaterra o «Lockeed-Hudson» que lhe fôra confiado, como se tivesse realizado a coisa mais simples dêste mundo.

Loira e bonita no seu uniforme da aviação, com os cabelos bem ondeados sôbre as fontes, esta mulher que tivera a honra de ser a primeira a atravessar o Atlântico conduzindo um bombardeiro de guerra, ao chegar a Londres, mostrou bem a sua feminilidade ao agradecer contente, com o seu sorriso ligeiramente infantil, quando soube que o dono do hotel lhe arranjara o quarto 913, número que satisfazia à sua pueril superstição.

O número 13 dá-lhe sorte e acompanha-a sempre.

G. de O.

CINEMA

Uma cena do novo filme de Leitão de Barros «Ala Arriba»

O CINEMA NACIONAL PRECISA DE GENTE NOVA

O cinema português, a despeito do pessimismo de alguns e do cepticimismo de muitos, continua a ser o espectáculo predilecto da grande massa do público. Não porque represente já uma fronteira artística ou tenha atingido a perfeição — pois todos reconhecem que êle ainda se encontra na infância da larguíssima vida que o espera. Mas porque lhes é grato ouvir falar na sua língua. Foi esta finalidade que determinou a sua criação, que concretizou a pluralidade dos seus aspectos, como instrumento de diversão e de propaganda, e que permitiu advogar a necessidade de estimular e orientar os seus passos no sentido de se afinar o seu mecanismo técnico e espiritual. Alguém pensou alguma vez nisto?

Quem pensar em revista o passado do cinema português fica desolado com a sua manifestação de importância... A atrofia da sensibilidade dos seus mentores, a desafinação observada entre as suas células de trabalho, a falta de coesão entre a técnica mecânica e a técnica animada, e a ausência de equilíbrio entre todos os seus valores plásticos geraram faltas, êrros, apuros, fracassos e renúncias que a ninguém apraz relembrar. Aguardou-se, em vão, por outra linha de conduta balbuciada através de alguns filmes como, por exemplo, «Maria do Mar», «As Pupilas do Sr. Reitor» e «A Canção da Terra», que nos fizeram acreditar numa ânsia de renovação e de progresso empurrado pelos belos idealismos de Leitão de Barros, Chianca de Garcia e de Jorge Brum do Canto. Os três, mormente o primeiro, buscaram novos horizontes para o cinema português. Criaram novos métodos de trabalho. Reuniram vontades, ampliaram o sentido de equipa, afervoraram-na no culto da profissão e deram uma soma preciosa e valiosa de conhecimentos gerais que seria prolixo enunciar mas cujas vantagens, que estão à vista, valerão num futuro muito próximo, tanto como uma escola ou uma oficina...

O caminho está traçado. Impõe-se, por tanto, o seu desenvolvimento, para que caia numa mortal estagnação. É uma necessidade natural, como é numa criança o crescer e o educar-se. A tarefa é árdua? Confiemo-la ao talento de Leitão de Barros, à competência técnica de César de Sá, ao impulso romântico de Jorge Brum do Canto e a poucos mais conscientes profissionais do nosso cinema. Cabe-lhes resolver, entre outros, um importante problema: a escolha dos intérpretes, mormente galãs e ingénuas, de gente nova que, em geral, devido a preconceitos bafientos, não ocorrem à chamada dos realizadores em número e qualidade suficientes para facilitar uma selecção criteriosa. Também lhes cumpre orientar a sua ascensão, para que não se atribua a volubilidade do público a queda de um artista sôbre quem se disse que era uma revelação, quando afinal não passou de uma cara fotogénica num corpo bem proporcionado...

Já mais de uma vez se dirigiram apêlos à juventude cinéfila. Dina Tereza, em «A Severa»; Ana Maria em «A canção de Lisboa»; Maria Paula, em «As Pupilas do Sr. Reitor» e Nita Brandão, em «Gado Bravo» constituem exemplos flagrantes da valiosa contribuição que a juventude feminina pode dar às películas nacionais. Medite-se, a sério, na importância da hora que passa e aproveite-se a circunstância do cinema viver na preocupação de tôdas as raparigas bonitas. Eduque-se na vontade. Tranqüilize-se o seu espírito, pois tôdas elas, que sonham com o cinema, anseiam por abraçar a carreira em que outras, sofrendo as mesmas dúvidas, experimentando as mesmas decepções e vivendo as mesmas esperanças, conseguiram com trabalho, perseverança, sacrifício e estudo porfiado, atingir a meta dos seus desejos e convencer as mais hesitantes de que a arte das imagens é uma promessa doirada, fortuna, glória e popularidade.

António Lourenço

Greta Garbo, tal como aparecerá em «The twins» (os gémeos) ao lado de Melvyn Douglas sob a direcção de George Kukor

★

UMA DESCOBERTA CINEMATOGRÁFICA?

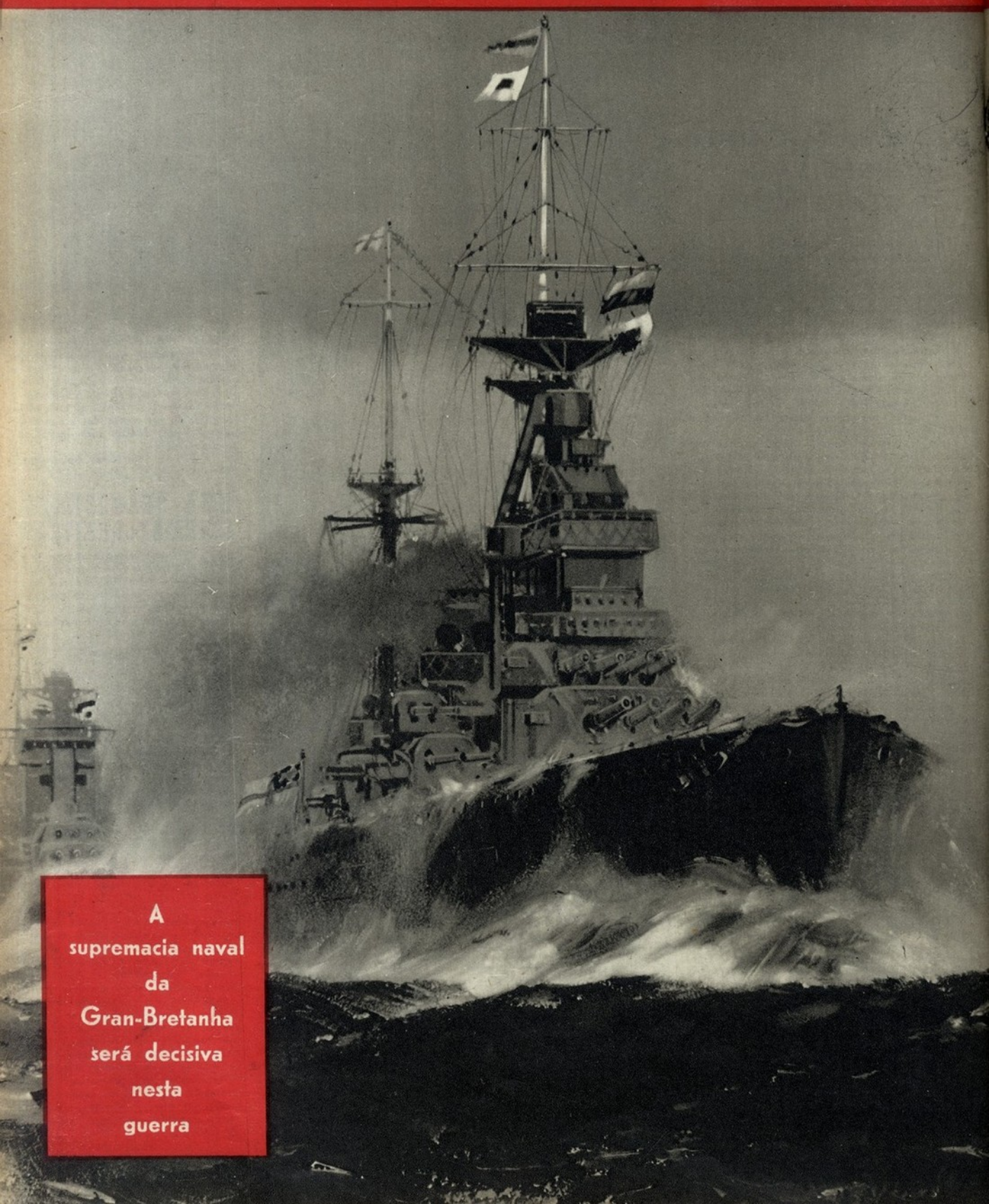
DESDE os primeiros tempos do mudo que não cessa a evolução da técnica cinematográfica. As transformações contínuas e sucessivamente expostas passam, e quási sempre, sem que nos apercebamos verdadeiramente delas. Se confrontarmos, porém, sôbre o «ecran», a técnica de hoje com a de há dez anos, não podemos deixar de sorrir da ingenuidade do passado. Tudo se apresenta diferente dos nossos olhos, desde os mínimos pormenores de técnica até a expressão artística da obra traduzida em imagens.

Nesta, como em todas as actividades susceptíveis de acompanhar o progresso das ciências, preguntamos a nós próprios se poderá ser possível avançar ainda mais. Mal formulamos a pregunta, porém, a resposta evidencia-se em novas realidades que se materializam. Evoluem as concepções de arte e, particularmente, cada artista exige novos recursos que lhe permitam a interpretação da obra realizada.

Chega-nos agora a notícia de que um português deseja apresentar aos realizadores cinematográficos do nosso país o resultado de alguns anos de estudo da técnica da fotografia no cinema. Trata-se do sr. Fernando Martinez Pozal, um dos nossos mais competentes profissionais de fotografia quer como operador, quer como técnico de laboratório. Segundo êle e os seus processos revolucionariam todo o actual sistema cinematográfico.

Porque se não estudam sèriamente as possibilidades de realização dos projectos de um estudioso que pretende ser útil ao cinema nacional, enriquecendo-o com novos métodos de filmagem?

MUNDO GRÁFICO



A supremacia naval da Gran-Bretanha será decisiva nesta guerra